

Director, editor e proprietario
Antonino Dias Pinto de Castro
 Redacção e Administração:
 Rua da Rainha, 56-A
 Telef. 4515

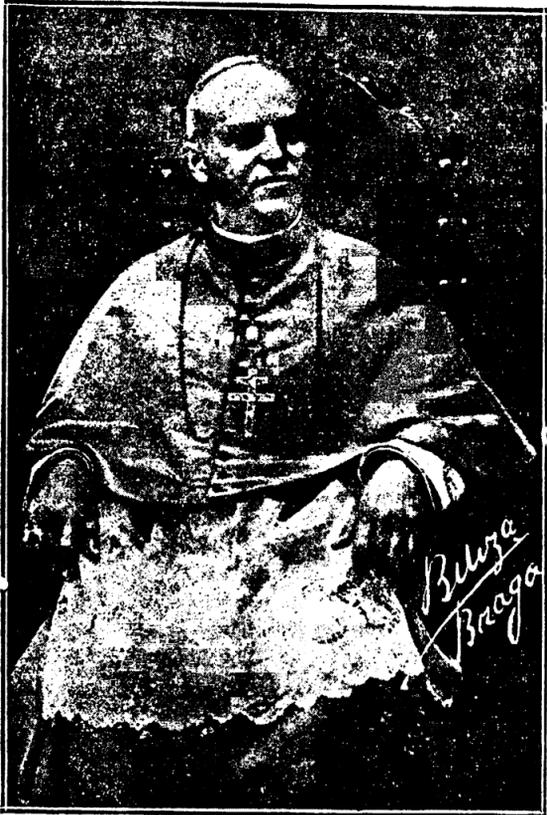
Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
 Telef. 4581
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Vinte e cinco anos! VINTE E CINCO ANOS DE ARCEBISPO DE BRAGA

Pelo Dr. Aurélio Fernando.



Sr. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, Prelado da nossa Diocese, a quem «Notícias de Guimarães» presta homenagem no Seu Jubileu Arquiepiscopal.

Quer a cidade de Guimarães prestar justa homenagem ao seu ilustre Pastor na passagem do 25.º aniversário da sua posse, como Arcebispo de Braga. Nada mais justo. Nada mais justo que as ovelhas sejam reconhecidas ao seu Pastor e que este católico concelho com todos os seus habitantes; com as suas autoridades e pessoas de destaque; pela sua posição e cultura; com o seu povo humilde e simples, queiram exteriorizar os seus sentimentos. Quer também a imprensa Regional associar-se a este acto de justiça, acompanhando os pensamentos dos seus leitores. Está certo.

Vinte e cinco anos de apostolado como Bispo de uma diocese como a de Braga, representam um somatório de trabalhos, angústias, ansiedades, incompreensões, labor, dispêndio de energias físicas e morais, esgotamento de nervos, que só uma dedicação sem reservas, um desprendimento sem medida, uma heróicidade eminente de vontade podem porventura explicar.

O Sr. D. António Bento teve a infelicidade, ou a felicidade, de suceder, no trono arquiepiscopal, a um Prelado, gigante em toda a extensão do termo; na inteligência, na actividade, nos empreendimentos, na energia, na ousadia dos cometimentos, no desprendimento de si, na largueza de vistas, na audácia, na escravidão ao cumprimento do seu dever, difícil de substituir.

Essa herança tinha de ser mantida e bastaria essa preocupação constante para fazer tremer o Prelado que o viesse a substituir. O Senhor D. António Bento não se assustou. Confiado nas graças do Espírito Santo, empunhou com energia o báculo caído e firmado nele, há 25 anos que governa a herança que recebeu.

E' pois cheia de justiça a homenagem que a Diocese lhe quer prestar. Benevolente, mas decidido, amigo do seu rebanho, mas intransigente na defesa da disciplina e dos bons costumes, arcando com todas, todas as dificuldades, responsabilidades e consequências, agradáveis ou desagradáveis, que possam servir-lhe de cumprimento do seu dever.

Quando está em causa o serviço de Deus ou da Igreja, com os olhos no céu e no cumprimento do seu dever, vai direito ao fim, quantas vezes com o coração a sangrar!

Guimarães, que tem invulgar admiração pelo seu Prelado e reconhece os dotes extraordinários do seu Pastor querido, quer manifestar-lhe publicamente quanto O respeita, quanto O aprecia, quanto O ama e lhe quer.

Que Deus lhe conserve as suas energias, para, durante muito tempo ainda, ser o nosso Pastor querido são os votos de nós todos.

Ad multos anos.
 P.º JOSÉ CARLOS SIMÕES.

Pela bula do Papa Pio XI de saudosa memória «Comissum humilitati nostrae» e com a data de 14 de Julho de 1932, foi nomeado Bispo coadjutor do arcebispado de Braga e por consequente com futura sucessão, o Ex.ª Rev.ª e Rev.ª Sr. D. António Bento Martins Júnior. Falecido o eminente Prelado fundador do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, D. Manuel Vieira de Matos, então Arcebispo residencial, em 28 de Setembro do mesmo ano de 1932, véspera de S. Miguel Arcanjo, assumiu o governo espiritual desta Arquidiocese Sua Ex.ª Rev.ª, actual Arcebispo Primaz.

Já lá vão pois 25 anos sobre esta acertada nomeação de Sua Ex.ª Rev.ª.

Vinte e cinco anos são convencionalmente um número notável de tempo. Justamente uma data destas assinala a vida dos homens, a história da vida de cada homem. Por isso mesmo a Arquidiocese Primaz está também preparando afanosamente o seu preito de gratidão e de homenagem a um dos seus grandes Arcebispos dos últimos tempos em comemoração das suas bodas de prata arquiepiscopais — vinte e cinco anos de zelo apostólico, de lutas e de canseiras, uma vida inteira ao serviço de Deus e da Igreja. São vinte e cinco anos vividos pelo bem espiritual de muitos e estes vinte e cinco anos têm necessariamente de ser proclamados gloriosos.

As comemorações estão à porta. Guimarães, o berço da nacionalidade portuguesa, que sempre esteve no coração de Sua Exelência, esta Guimarães de gloriosas tradições e abençoado rincão posto por Deus no Minho como orgulho da raça não podia ficar atrás. «Notícias de Guimarães» dedica a Sua Ex.ª Rev.ª uma página deste número como iniludível preito de vassalagem e dedicação reverente. Em boa hora, pois, a voz da imprensa se levanta para proclamar as glórias de quem é grande Arcebispo.

Dizia o Apóstolo S. Paulo que quem deseja ser Bispo deseja uma obra grande, «quis episcopatum desiderat bonum opus desiderat». Pois bem, o Sr. D. António Bento Martins Júnior abraçando o Episcopado, segundo a frase de S. Paulo, abraçou-o segundo o seu espírito e as suas obras ficarão a perpetuar o seu nome de geração em geração... Mas há, no entanto, uma acção especial de Sua Ex.ª Rev.ª, que poderíamos chamar padrão por excelência de todas as suas obras, a obra dos Seminários, já iniciada pelo seu preclaro antecessor, mas largamente ampliada por Sua Ex.ª Rev.ª. Se outros feitos maiores ainda não justificassem as suas comemorações, esta por si só bastaria.

Depois da implantação da República, os Seminários ficaram em péssimas condições. Basta dizer que os seus alunos internos, em número de vinte e cinco, viviam provisoriamente e em casa imprópria, no Largo do Rechicho. Os preparatórios eram administrados em casa imprópria também, na Rua da Boavista, com a denominação de «Instituto de beneficência denominado Seminário de Santo António e S. Luís Gonzaga», onde estavam somente sete alunos internos. Tal situação era deplorável! Urgia dar andamento ao disposto pelo Concílio de Trento, capítulo 18 e último da 23.ª sessão *De Reformatione*, cujo parágrafo 1.º dizia assim: «o Santo Concílio determina que cada uma das Igrejas catedrais metropolitanas e maiores que estas, segundo o modo das riquezas e segundo a extensão da Diocese, sejam obrigadas a alimentar e criar religiosamente e instruir nas doutrinas eclesásticas um certo número de meninos da mesma cidade e diocese ou da província se aí (na diocese) se não acharem em um Colégio que há-de ser eleito e determinado pelo Bispo para este fim junto das mesmas Igrejas ou em outro lugar acomodado».

Rendéra então D. Manuel Vieira de Matos o seu primeiro golpe reformador acudindo ao Seminário de preparatórios, transferido para a rua de S. Vicente e daí para a do Raio, na então *Casa da Prelada*, e logo para a quinta de Real. Mandou comprar a residência dos

padres jesuítas, à rua de S. Barnabé, e colocou aí os seminaristas teólogos. Depois e em 1922, a 27 de Novembro, tinham sido comprados e às suas ordens os dois edifícios reunidos dos extintos «*Recolimento de S. Domingos da Tamanca e Conservatório dos Orfãos do Menino Deus*», e cuja inauguração como Seminário foi a 14 de Novembro de 1924. Havia, pois, um Seminário próprio, mas não era ainda tudo. Vencidas as primeiras dificuldades urgia as restantes. Pela *Exortação Pastoral e Estatuto anexo de 10 de Outubro de 1918*, tinha já fundado o Grande Arcebispo a *Obra de Auxílio aos Seminários*, intensificando-a continuamente.

Entretanto falecia o Sr. D. Manuel Vieira de Matos e assumia o governo da Arquidiocese Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. D. António Bento Martins Júnior. O seu programa de administração estava traçado já: continuar e completar a obra do seu preclaro antecessor na parte material e espiritual relativa aos Seminários, dos quais o actual Seminário Conciliar estava por concluir na sua maior parte, e o de Nossa Senhora da Conceição ficara pedindo mais. E esse mais não se fez esperar na efectivação das suas modernas instalações, de amplos salões e aulas, orgulho da nossa arquidiocese. O Seminário Conciliar é um feito memorável — um dos melhores Seminários do País. O Seminário de S. Tiago, que há pouco foi restituído à Igreja pelo Governo da Nação, é uma obra grandiosa que testemunha uma vez mais as glórias do nosso eminente Prelado.

Assim, graças ao esforço e vontade forte de Sua Ex.ª Rev.ª, continuador de uma obra gigantesca, possuímos em Braga três exemplares Seminários, à altura dos seus pergaminhos de Roma Portuguesa. Por outro lado procura executar em toda a sua plenitude as diversas determinações do Concílio Plenário Português, neste sentido intensificando mais largamente a Obra já iniciada de auxílio aos Seminários. E é de exaltar a acção de Sua Ex.ª Rev.ª, nesta particular alavanca principal da educação prestada nos Seminários e que mais tarde havia de florir na tão conhecida *Obra das Vocações e Seminários*. Recordamos ainda muito bem como foi grande e cheio de interesse esse glorioso Congresso de 1941! Como foi solene esse baptismo de nau — a nau da O. V. S., que lá vai sulcando o mar dos corações pelos roteiros seguros do amor e do bem.

Sejam, pois, grandiosas as comemorações dos 25 anos de Arcebispo de Braga do Sr. D. António Bento Martins Júnior.

Dignum et iustum est. E' coisa digna e muito justa.

Homenagem de Guimarães ao Venerando Prelado da Diocese

Guimarães vai associar-se, jubilosamente, às Bodas de Prata do Senhor D. António Bento Martins Júnior como Arcebispo de Braga, levando a efeito vários actos religiosos em todos os templos, desde 27 de Outubro a 2 de Novembro. O programa deste dia é o seguinte:

Em cortejo automóvel será acompanhado o Ex.ª Rev.ª Sr. Arcebispo Primaz até aos Paços do Concelho, pelas 14 horas.

No salão nobre da Câmara Municipal, o Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, ilustre Presidente do Município, saudará o venerando Prelado em nome da cidade e do concelho. E' a homenagem dos Poderes Públicos ao mais alto poder da terra — a Santa Igreja de Cristo.

Após os cumprimentos oficiais na Câmara, o cortejo automóvel dirigirá-se à para o Teatro Jordão, onde será prestada calorosa homenagem ao Sacerdote Católico, na pessoa veneranda do Prelado Arquidiocesano, D. António Bento Martins Júnior. Fará uma Conferência Doutrinária o ilustre catedrático dr. Luís de Pina. E' bo-

A Bondade Paternal do Senhor Arcebispo Primaz

Pelo Cónego Arlindo R. de Cunha.

Ao tratar da personalidade multiforme do Venerando Primaz das Espanhas, muito havia que dizer, e a dificuldade maior consiste na escolha do aspecto a salientar.

Poder-se-ia falar do erudito, de cultura tão vasta que vai desde o Direito Canónico, em que é o primeiro especialista português, à Literatura, em que é mestre consumado; vinha a propósito enaltecer o pensador profundo e sempre actual, mau grado a idade avançada, constantemente ao par dos problemas mais transcendentes que se não punham quando formou a sua mentalidade; vinha a talho de fouce chamar a atenção para o organizador incansável que nada esquece, nem as associações de fiéis, suavemente chamadas à pureza primitiva, nem os próprios espectáculos públicos, de que a sociedade hodierna prescinde ainda menos que o público greco-latino da era clássica. Tudo isto e muitas outras coisas dariam matérias a considerações interessantes e oportunas.

Não posso, porém, esquecer que celebramos os vinte e cinco anos, felizes e gloriosos, em que Sua Exelência Rev.ª foi pai e pastor da grei bracarense e minhota. Deve por consequente ser evidenciada essa qualidade tão rara e que todos reconhecem em nosso amantíssimo Prelado: a bondade paternal no exercício do múnus de chefe e pastor.

E' o que verificamos quantos o vêm visitar e não só os que com ele privam de perto. A todos recebe Sua Ex.ª Rev.ª, ouve e atende com a maior afabilidade. Quem lhe fala pela primeira vez, desde as escadarias do Paço com a melhor das impressões e com vontade de voltar. Supunha com certeza, antes de se avistar com o seu Prelado, ir encontrar uma personagem de estilo megalítico, cheia de etiqueta e de acesso difícil. Quando, porém, se lhe depara o melhor dos pais, pronto a ouvir com atenção, a atender com carinho, a discutir com lucidez e compreensão, e até a escutar queixas com benevolência, cessam todas as reservas que poderia ter havido, e fica o visitante maravilhado com tanta bondade e tanta liberdade.

O que, porém, mais se admira é a inalterável serenidade de Sua Ex.ª Rev.ª. Nunca se lhe nota

alteração na voz, nem perda de domínio sobre si mesmo. Compreendia-se que quem, como o nosso amantíssimo Prelado, trabalha desde o alvorecer da manhã até ao princípio do dia seguinte — nunca se deita, nem de verão nem de inverno, antes da meia noite — sentisse o sistema nervoso abalado, efeito que o avançar dos anos poderia ir agravando. Mas não! O Venerando Arcebispo Primaz não deixa nunca de parecer o que é: fidalgo no trato e duma elegância moral a toda a prova.

Só há uma coisa que não tolera: que se lhe vão fazer acusações. Quando alguém sobe a escadaria do Paço com esse fim e leva por diante o intento, Sua Ex.ª Rev.ª formaliza-se, toma a defesa do acusado, dá mostras evidentes de desgosto e leva o acusador a retirar-se resolvido a não regressar com o mesmo fim em vista.

Esta bondade do nosso Venerando Prelado manifesta-se também e sobretudo no trato com as crianças. Nas visitas pastorais, eles, os pequeninos, vendo-se interrogados com tanto carinho, não têm receio de responder, comprime-se em volta do bom pastor e reproduzem, mentalmente e consi-guendo mesmos, a cena de Jesus a reconhecer os Apóstolos por quem rem arrear de Si os meninos.

Como remate destas considerações, objectivas com por cento, bem se podem aplicar, igualmente com cem por cento de propriedade, as palavras de S. Paulo que vêm no terceiro capítulo da primeira Epístola a Timóteo: — E' necessário que o bispo seja irrepreensível, sábio, prudente, não iracundo, mas moderado e inimigo de contendas.

MELHORAMENTO NA PENHA

Começou a ser colocado na janela principal da frontaria do Santuário Eucarístico da Penha, um artístico vitral que se fica a dever à louável iniciativa do estimado Vimarancense sr. Arnaldo de Sousa Guise, grande Amigo daquela Estância a que tem prestado já, do mesmo modo que seu irmão, o também nosso prestigioso Contrarrâneo sr. Comendador Albano de Sousa Guise, bem assinalados serviços, pelo que são justamente considerados beneméritos da Penha.

CARTA EXORTATÓRIA aos Católicos de Guimarães

Ufana-se a Vossa histórica Cidade de ser o Berço da Pátria e de Reis.

Porém, a velha e veneranda História de Portugal dá-nos conta do auxílio prestado pelos Bispos de Braga na formação do Reino e na consolidação da Independência Nacional.

Neste campo, avulta, em primeiro plano, essa figura de destacado relevo — D. João Peculiar, feito Arcebispo de Braga em 1158, e a cuja acção político-religiosa junto da Santa Sé, auxiliado pelo seu amigo o Cardeal Guido de Vico, se deve a protecção da Sé apostólica concedida a D. Afonso Henriques na constituição do Reino, apesar dos direitos de soberania de Afonso VII de Castela.

E consta das Páginas quanto os Bispos de Braga fizeram, no período das Conquistas, em heróicas batalhas, para arrancar das mãos rapaces da Moirama as lindas terras de Portugal.

Por si, Guimarães herdou de Mumadona os belos heroísmos da Fé e no desenrolar dos séculos tem sabido conquistar os fastígios da glória cristã, através de obras que immortalizam a sua devoção: A Misericórdia e S. Francisco, Oliveira e Santos Passos, S. Sebastião, S. Domingos e S. Pedro...

Guimarães é grande pelo talento dos seus Homens, e tantos são os que se notabilizaram nas Letras e na Indústria, na Ciência e nas Artes.

E para além do seu inquebrantável baírrismo, ela revela-se senhora do segredo de saber aliar o que é grande na ordem do tempo ao que é transcendente na ordem do espírito: a Fé e o Trabalho.

Briosa na posse de ancestrais virtudes, fiel às suas nobres tradições, Guimarães sabe acarinhar, como nenhuma outra cidade portuguesa, a Fé que os antepassados legaram.

Pois bem! A Fé dos Antigos foi obra da Igreja Bracarense, foi obra dos seus Bispos: S. Martinho, S. Pedro de Rates, S. Torcato, S. Geraldo...

De S. Torcato, que repousa aqui bem junto de vós, foi o sangue, foi o martírio — como o daqueles outros e de muitos mais... — o alicerce sobre que se ergueu o edifício esplendoroso da Fé Cristã.

De resto, sempre os arcebispos de Braga distinguiram Guimarães com especiais carinhos e predilecção.

Sem querer deavassar a História,

direi que aqui vieram buscar dois ilustres irmãos no Episcopado: D. Guilherme, recentemente falecido, e D. Domingos, actual Bispo da Guarda.

Isto, no nosso tempo, e se é uma honra para Guimarães, aos Bispos de Braga se deve.

Justo é, portanto, Católicos de Guimarães, que, na hora que se avizinha de exaltação ao Ilustríssimo Prelado Bracarense — o Ex.ª Rev.ª Sr. D. António Bento Martins Júnior — saibais honrar as cavalheirescas tradições da Vossa Terra, marcando a vossa presença com aquele aprumo, dignidade e afeição de que sois capazes.

No próximo sábado, dia dois de Novembro, pelas duas horas da tarde, quantos possam, acorram até junto do edifício da Câmara Municipal para saudar o Pastor da Diocese na visita, por muitos títulos, honrosa, que vem fazer à Vossa Edilidade Augusta, e depois, em vistoso cortejo automobilístico, O acompanhem até ao Teatro Jordão, onde a Cidade e o Concelho lhe vão prestar condigna homenagem pelas Bodas de Prata do seu operoso e fecundo Arcebispado.

Estão decorridos vinte e cinco anos de canseiras e preocupações pela vida cristã da Diocese.

Em vós, Católicos de Guimarães, porção querida do seu Rebanho dócil, pensou muitas vezes o Senhor Arcebispo Primaz, que conhece e muito aprecia a vossa inexgotável generosidade.

Eis que vem em pessoa agradecer-vos, ao mesmo tempo que recebe as Homenagens e os Louvores que merece como Pastor admirável.

N'Ele refulgem as virtudes de S. Geraldo, o Amor e a Fé do Mártir S. Torcato, a Caridade Excelsum Frei Bartolomeu dos Mártires. De irradiante simpatia, faces sorridentes, por vezes reflectindo a sombra dum espinho que se cravou no seu coração... e são tantos os espinhos do seu cargo... — não há quem se não sinta bem na sua presença.

Beijemos-Lhe, em espírito, as mãos caridosas que tantas lágrimas têm enxugado... e pão repartido pelos infelizes do mundo.

Requere-se, pois, Católicos de Guimarães, como um postulado da Vossa Fé, Brío, Dedicacão, Presença!

Viva o Senhor Arcebispo Primaz!

Vivam os Católicos de Guimarães!

P.º M. MATOS.

O QUE PRECISAMOS GAZETILHA MODA CASAS, MAIS CASAS!

A. L. DE CARVALHO.

Quem pela primeira vez entra em contacto com um cego, e por felicidade se trata de um cego convenientemente educado no aspecto intelectual e técnico, pensa, ao afastar-se dele, que era de facto inadmissível, tão preconcebida e desviada da realidade estava, a ideia do desvelamento em que supunha encontrar-se a classe dos privados da vista, quando confrontada com os homens de cinco sentidos.

Que importa afinal que ele se apoie na memória quando escreve à máquina ou toca piano, violino, etc., se em perfeição compete com os videntes e se, por ser bem necessário e frequente, é tão natural para ele o recurso às faculdades dos sentidos restantes para substituir a vista, como o é para os outros homens servirem-se dela?

Que importa que o cego não veja o busto que para ele caminha, e aprendeu a conhecer as pessoas pelos passos?

Que importa que não enxergue o indivíduo que lhe fala à distância, se de há muito o conhece pela voz?

Que importa que a falta de vista o impeça de avaliar literalmente a estética dos edifícios que com ele andam nas tarefas do dia a dia, se a própria cegueira dos olhos melhor o habilita a ver neles a beleza de alma que, queiram-no ou não, vale bem mais que todos os atractivos?

Felizes dos cegos — felizes porque desafortunadamente são poucos os que disso se orgulham — que vivem rodeados por pessoas cientes destas verdades.

E' daqui, da forma com que firmemente se creia ou se desprezem estas verdades, que depende o dividir-se diante do cego o caminho que o há-de conduzir ao trabalho eficiente ou à preguiça sem proveito, à vida de cidadão ou de ser apenas vegetativo, numa palavra, ao seu triunfo ou derrota na luta pela existência digna.

E a afirmação de que a cegueira não desfalece a personalidade do indivíduo, feita por eminentes psicólogos que se pronunciam sobre o assunto, tem como argumento principal estas verdades tão palpáveis, que mesmo assim sendo, muitos lêem e ouvem com um cepticismo incompreensível e insuportável.

Contra este cepticismo indesejável, temos que opor os factos verídicos e substanciais, temos que mostrar ao mundo que vê, os cegos na posse de todas as faculdades acima mencionadas.

E' esta aliás a conclusão a que chegam com relativa facilidade aqueles que se dedicam a trabalhar a sério pelos cegos e se debruçam sobre a problemática tíflogica para um necessário estudo, logo acrescida de outra, essa sem dúvida mais desoladora e que constitui o ponto máximo deste artigo.

E' que o problema da assistência tíflogica em Portugal não tem sido encarado como seria para de-sejar, e muitas vezes as iniciativas, geralmente de carácter privado, têm à sua frente pessoas insuficientemente esclarecidas no assunto, que se deixam guiar mais pelo sentimento que pela inteligência, mais pela intuição que pelo conhecimento.

E por via destes princípios ou falta de princípios, perde-se muito tempo, muito monetário e muita contribuição que outros podiam dar se as coisas fossem orientadas de maneira acertada, lançando a atenção para outros pormenores que devem merecê-la, sim, mas só depois de termos o que mais precisamos e que nunca nos foi dado: estabelecimentos de ensino para cegos, satisfatórios em quantidade e qualidade.

Escolas onde exista, a par da sala de aulas para alunos em idade normal, uma aula de alfabetização e realfabetização de adultos, já porque não há idade determinada para se ficar cego, já porque perder a vista não é perder a vida e por isso há que cuidar desses indivíduos, estudando o melhor modo de recuperá-los para a vida e, sempre que é possível, restituí-los à sua antiga profissão.

Onde haja uma espécie de jardim de infância, para receber os peizetes de cegueira congénita ou que dela sofram desde a mais bai-

xa idade porque, quanto mais cedo começar para eles a educação metódica e disciplinada, maior serão o apurmo e a certeza de movimentos evidenciados pelo futuro homem cego. Onde haja um amplo ensino profissional e técnico, rigorosamente orientado, de modo a transformar os cegos em afinadores de piano, massagistas, encadernadores, colchoeiros, estufadores e músicos de competência atestada.

Onde não falte a aula de Educação Física, no campo e no ginásio, em que o cego pratique a ginástica rítmica, corridas e jogos variados, bem movimentados, de forma a impedir essa lentidão de movimentos que lhe é tão peculiar e prejudicial.

E onde haja finalmente uma imprensa braille, de tal forma orientada e mantida, que possa distribuir pelos cegos de todo o País, com regularidade e acessibilidade, os livros didáticos e literários que qualquer vidente encontra no mercado.

Dos três estabelecimentos de ensino especializado que há dentro das nossas fronteiras, conheço bem o Instituto de S. Manuel, no Porto e, pelas informações que continuamente me chegam, estou perfeitamente autorizado a dizer que em nada os dois estabelecimentos de Lisboa lhe são superiores.

Do Instituto portuense foram para o Conservatório de Música, alunos que não sabiam pegar no arco ou pôr a mão nas teclas do piano; as oficinas de ensino profissional funcionam de tal forma que só um cego até hoje pode colher frutos do que lá aprendeu, e as aulas de educação física, torna-se conflagrador pensar nelas.

Sala de aula para adultos e jardim de infância para crianças em idade pré-escolar, são coisas que apenas se desejam.

Resta-nos a consolação de poder olhar esperanças para a imprensa braille, não só pela competência do professor Albuquerque e Castro que a dirige, mas também pelas excelentes provas dadas no primeiro ano de serviço há pouco completado.

Seria loucura pensar-se que a apresentação destes problemas, nos levará à sua resolução em espaço breve de tempo, mas nós sabemos exactamente que é por não ter bem desenvolvidas as suas faculdades que o cego português se encontra nas condições críticas que conhecemos e queremos combatê-las, lembrados de que tudo é possível quando se sabe o que se quer e se trabalha para o conseguir.

De resto, se Lincoln libertou os escravos, se Teodoro Roosevelt viveu para ver a construção do Canal do Panamá, e se Henry Ford se tornou o homem mais poderoso do mundo, construindo automóveis a preços populares, é porque sabiam o que queriam e trabalharam para o conseguir.

Ora a construção de estabelecimentos de ensino especializado suficientemente dotados, tem de fazer parte dum vasto plano de recuperação de cegos, com a indispensável contribuição do Estado. Mas não é isso afinal o que nos esforçamos por conseguir?

JOSÉ ANTÓNIO Lage Salgado Baptista.

Concerto pela E. N. da Banda do Pevidém

A Emissora Nacional, por intermédio da Secção do Porto, vai transmitir no dia 1 de Novembro, das 10 às 11 horas, em ondas médias, um concerto pela Banda Musical do Pevidém, com o seguinte programa:

«Loulé em Festa» (Marcha por Pedro de Freitas); «Rapsódia Escalava» (de Friedemann); «La Concha» (devaneio para solistas por P. Artola); «6.ª Sinfonia-Pastoral» (de Beethoven); «Rapsódia de Cantos Populares» (de Acácio Coelho); «Pevidém em Festa» (marcha de Avelino Martins Coelho de Lima).

Assinal o NOTÍCIAS DE GUIMARAES

Depois da vindima...

«Pão e vinho, anda caminho», reza um ditado velho, mas quem o pode cumprir?... — Tão distante o S. João e o jegre, como um balão, sempre a subir, a subir!...

Como um foguetão gigante ele trepou, com rompante, não quis saber do ditado: — por mais que o pobre entristeça, jamais lhe sobe a cabeça, porque o vinho está... parado!...

E' pr'a mais, com a «Asiática», muito sofre a matemática, na reza do «deve» e «haver»: — pois o ditado velho «pão e vinho, anda caminho», já não tem razão de ser!...

E agora, feita a vindima, a vossa adega se anima para consolar o povo: — que, sem ser santo, és amigo, e conta o povo contigo e mais com o vinho novo!...

Quando lhe des o chamiço, vê bem como fazes isso, mete a mão dentro do seio: — dá-lhe um nome prazenteiro que, depois, o taberneiro lhe porá outro mais feio!...

Que baptismos teve tantos, mas nanja em nome de santos, o da velhinha mistela! — Com tal pressa, e tal requinte, que de dez pinchou a vinte, e sem ninguém... dar por ela!...

Ortígão.

Recebemos numerosas adesões à homenagem ao Dr. Pinto Rodrigues

Numerosos amigos e admiradores do nosso saudoso Amigo Dr. José Pinto Rodrigues, vieram dizer-nos que podemos contar com a sua colaboração para a homenagem que vai ser prestada oportunamente, conforme referimos no último número deste jornal, ao inolvidável vimaranense. Continuaremos a registar as adesões que nos sejam dadas e publicaremos em devido tempo a lista de todos os nomes que se associem a essa merecida consagração.

Alfredo Magalhães

O Doutor Alfredo Magalhães, Professor ilustre da Faculdade de Medicina do Porto e Homem Público notável, que serviu honradamente o país através de altos cargos que desempenhou e nos quais revelou nobreza de princípios e a maior dignidade, morreu há dias no Porto onde teve, no dia em que foi levado a sepultar, uma significativa homenagem por parte de pessoas de todas as posições e de todos os credos políticos.

Servindo o país, sem procurar, como tantos, servir-se a si, o Doutor Alfredo Magalhães soube por isso impor-se à consideração e ao respeito de toda a gente. A Guimarães, na altura em que desempenhava as altas funções de Ministro da Instrução Pública, o Doutor Alfredo Magalhães prestou um inestimável serviço, criando o Museu Regional de Alberto Sampaio, que é legítimo orgulho da nossa Cidade.

Nova participação

Pelo Fundo do Desemprego foi concedida à Câmara Municipal de Guimarães a participação de 40 mil escudos, destinada à obra de construção do novo cemitério paróquial de Cerzedelo.

Por AURORA JARDIM

Do muito que se usa vestidos algo:

— Peles de alto a baixo nos casacos compridos;
— Barretes de malha indo até à nuca;

— Tunica direita;
— Mangas que parecem capinhas;

— Saias muito curtas;
— Mistura de lã com seda e veludos estampados;

— Vestido, camisa ou fourreau afunilado para baixo;
— Botões de prata com o 1.º nome da proprietária;

— O cetim-veludo fica bem na saia direita. A musselina enrola-se para dentro ou forma saco;

— As saias rodadas têm alfinetes ou setas de metal espalhadas;

— Chapéus com aplicações douradas e bronzeadas;

— Os vestidos de cocktail apresentam: saia de baixo de que aparece a renda, folhos plissados, panos soltos, bordados, ruches, fitas;

— O vestido casula é a direita, podendo também ser franziado no pescoço;

— Turbantes de peles finas;
— O blusão é mais franziado atrás do que à frente;

— A saia azeitona é estreitíssima em baixo;

— Muitos drapeados e muitas jerséis;

— Cores: verde-louro, bronze, mel, macaco, azul-pavão e marinha, preto e branco, verde-alga, castanho e vermelho sangue de lobo.

Vida Rotária

A' reunião do Rotary Clube de Guimarães, na 4.ª-feira, presidiu o sr. Antonino Dias de Castro, fazendo a leitura do volumoso expediente o sr. Eng.º Helder Rocha, o qual no uso da palavra também se referiu aos artigos publicados ultimamente pelo inusual José António e à projectada homenagem ao saudoso vimaranense sr. dr. José Pinto Rodrigues. O clube resolveu associar-se a essa justa consagração.

A reunião foi dedicada à «Semana do Companheirismo mundial» que está a decorrer, assunto a que se referiu o presidente ao abrir os trabalhos. Sobre o assunto usaram da palavra alguns dos presentes.

Tomou-se conhecimento do convite feito pelo clube de Lisboa ao jovem inusual José António, para que vá à capital, no dia 19 de Novembro próximo, proferir a sua curiosíssima palestra sobre o problema dos cegos portugueses.

Foram por último tomadas diversas deliberações, procedendo-se ainda à quete habitual.

«Jornal de Felgueiras»

Este nosso muito prezado colega, que se publica sob a distinta direcção do nosso velho amigo e ilustre camarada A. Garibaldi, entrou há semanas em novo ano de publicação, sendo motivo para que o felicitemos, embora tardiamente, com os melhores desejos de longa e feliz existência.

Santa Casa da Misericórdia de Guimarães

AVISO

Uma vez averiguado que a «Gripe» que alastra em todo o país, inclusivamente em Guimarães, é de acentuada natureza epidémica, a Mesa Administrativa da Misericórdia, depois de ouvida a Direcção Clínica do Hospital, deliberou suspender, enquanto se tornar necessário, as visitas aos doentes internados, a partir de DOMINGO 20 do corrente.

Em consequência desta deliberação, foram tomadas providências para que as famílias dos respectivos doentes possam ser informadas acerca do estado dos mesmos. Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, 19 de Outubro de 1957.

O Provedor,
Mário de Sousa Menezes,

Quer o Governo, de acordo com o Município, fazer de Guimarães uma cidade digna de ser visitada e admirada como o augusto Berço da Pátria.

Este pensamento já não é, apenas, uma aspiração: vai a caminho de se transformar em realidade.

Respeitadas e protegidas aquelas zonas do vetusto burgo que, pelas suas características arquitectónicas, pelo seu traçado de arruamentos e rócios, mais exprimem a fisionomia do Passado, todo o resto foi submetido a um estudo urbanístico onde se buscou aproveitar a panorâmica dos horizontes e das perspectivas de mais beleza emocional, por maneira a transformar a cidade, tornando-a higiénica, desafogada, atractiva.

Para este plano de vistas largas, inteligente, digno da nacionalíssima terra de Guimarães, tornou-se necessário derrubar casas, muitas casas, dando às artérias da cidade um outro arranjo, aquele que mais convinha ao ponto de vista capital — fazer da cidade de Guimarães uma cidade de contrastes impressionantes, à altura da sua história primacial de Berço da Nação.

E' evidente que o notável empreendimento demandava coragem, energia de vontade, de quem está à frente do Município, sob pena de se entravarem os desígnios claros e patrióticos do Governo, que se voltou para nós, dando-nos uma colaboração, como jamais nos foi proporcionada em outra ocasião da nossa vida administrativa local.

Em face, pois, deste sucesso de vida nova, não podem os governantes de Guimarães hesitar perante a grandeza do problema, embora para se alcançarem os benefícios inerentes ao plano renascente e vitalizador dimanado das Obras Públicas, seja necessário ânimo forte, encorajante esforço, espírito de decisão — não parando!

Bem sei, todos sabem, que entre as palavras e as obras, vai notável diferença. Não ignoro, ninguém ignora, que a reforma da cidade, tal como felizmente se está fazendo, custa a muitos habitantes da cidade a sua desarraigação, pois que as suas casas são atingidas pelo camarelo reformador. Não obstante, o plano urbanístico há-de cumprir-se!

Governar, nesta emergência, pode trazer aborrecimento a alguns, desagradado a outros. Há porém, que partir desta certeza, para bem se poder apreciar o momento: Tudo que se está fazendo, quanto se tem de fazer, e é preciso que se faça, será a bem da nossa terra! E se, na verdade, quando nos afirmamos amigos da nossa terra, tal afirmação é verdadeira, não podemos, para se ser coerente, deixar de aplaudir, de animar, de colaborar com os obreiros da monumental tarefa.

Talvez que interesse pôr diante dos olhos as perspectivas do problema habitacional em presença. Por esse esquema se verá que tanto a iniciativa municipal, como a particular, estão em movimento.

E' possível que se ache pouco quanto se está fazendo em matéria de casas novas. A estranheza, porém, não deve conduzir-nos a desesperação, antes à confiança. Caminha-se devagar, é certo; mas caminha-se!

Assim o vemos deste mapa:

Casas para classes pobres (demolidas):

Alameda	25
Liceu	2
	27

Em construção:

Bairro «Pimenta Machado»	50
------------------------------------	----

Requerida a licença:

Monte Largo	21
-----------------------	----

Casas para classe média (demolidas):

Alameda	3
Caixa Geral	7
	10

Em construção:

Vários locais	26
Na Central de Camionagem	33
	59

Requerida a licença:

Vários locais	10
-------------------------	----

Em presença deste mapa, não podemos ser pessimistas.

Apenas devemos prosseguir no brado — que não é alfitivo, mas estimulador — pedindo:

— Casas, mais casas!

Carta A UMA SENHORA

Minha Senhora:

Há dias, dizia-me um propagandista do conhecido sabão «Sonazol»: «Afinal, está a gastar-se por este país fora um dinheirão na lavagem da roupa suja, quando o sabão «Sonazol», o verdadeiro sabão da lavadeira, é o melhor e o mais económico para deixar a roupa completamente limpa, quer do direito, quer do avesso».

Como, porém, eu lhe dissesse que antes de aparecer no mercado o referido sabão já outros preparados existiam para aquele efeito, respondeu-me o seguinte:

«Sim, isso é verdade, mas o «Sonazol», como, aliás, está provado, veio suplantar tudo mais que existia nesse género e tanto assim que o seu consumo tem aumentado, dia a dia, não só devido à propaganda intensiva que do mesmo tem sido feita, mas também porque os seus resultados têm sido maravilhosos, ou melhor, infalíveis».

E eu, que não estava interessado no assunto, despedi-me do indivíduo com os meus votos de felicidades para o seu negócio e disse-lhe que a sua propaganda deveria ser feita perante as donas de casa e não perante os cavalheiros, visto que estes, na presente ocasião, estão atentos a outra propaganda de maior envergadura, isto é, à propaganda eleitoral respeitante às eleições que se realizarão no dia 3 do próximo mês de Novembro.

E já agora, que vem a propósito falar neste assunto, aproveito esta oportunidade para salientar o apurmo, a correcção e o bairrismo com que os ilustres vimaranenses, sr. dr. José Maria de Castro Ferreira, Presidente da Câmara, e engenheiro Duarte Amaral, futuro Deputado, discursaram na sessão de propaganda eleitoral promovida pela U. N. e realizada nesta cidade no passado dia 17.

Suas Ex.ªs, que tiveram como principal preocupação dispensar especial atenção aos problemas que mais interessam à cidade e ao concelho de Guimarães, fizeram-no com aquela elevação que é própria do seu temperamento e do seu carácter.

Quando ao sr. Engenheiro Duarte Amaral, mais um vimaranense que vai levantar a sua voz na Assembleia Nacional, em prol das justas aspirações dos vimaranenses, Sua Ex.ª não se esqueceu de,

no referido discurso, fazer referência ao problema hospitalar em Guimarães, infelizmente em condições de manifesta inferioridade com relação a outras terras que não têm a categoria nem a população que esta tem e da qual se destaca uma elevada percentagem do elemento operário.

Trata-se, pois, de um problema de inadiável solução como, de resto, já o reconheceram as Entidades Superiores que interferem nos assuntos de Assistência, mas que, não obstante terem manifestado o melhor vontade de o resolverem, ainda não se tornou possível ser transformada em realidade essa indiscutível necessidade. Até hoje, apenas boa vontade, como digo, e até promessas nesse sentido, sendo as últimas alimentadas com a esperança de surgirem, no próximo ano de 1958, melhores dias para essa modalidade assistencial neste concelho, assunto que, em devido tempo, foi brilhantemente ventilado na mesma Assembleia Nacional pelo saudoso Deputado Vimaranense, dr. João Antunes Guimarães.

Aguardemos, portanto, os melhores dias prometidos e confie-mos na influência pessoal e política do sr. Engenheiro Duarte Amaral, que, com certeza, dispensará a sua melhor atenção a esse problema de tão grande e tão humanitário alcance social.

Não quero, evidentemente, menosprezar os restantes problemas que anda ligado o progresso desta terra, mas entendo que a assistência hospitalar não deverá ser relegada para plano secundário, de modo particular a que é prestada pelas Misericórdias, Instituições seculares onde a Caridade aparece como símbolo do mais puro e mais verdadeiro Amor do próximo.

Não basta, por isso, que exista o nome de Santa Casa da Misericórdia, porque o que se torna necessário é que esse Apostolado do Bem corresponda à sua legítima finalidade. E' nisso, afinal, que se resume essa premente aspiração dos Vimaranenses.

De resto, minha Senhora, não se preocupe com a propaganda do sabão «Sonazol» nem mesmo com a do «Activado Cut», do «Omo», etc., porque desde que a consciência e a dignidade andem limpas, o restante também se limpará.

Dizia Lamenuais: «Guarda cuidadosamente na vossa Alma a Justiça e a Caridade; elas se Continua na 6.ª página.

menagem da inteligência à luz indefectível da Verdade.

Todas as paróquias, representadas por três crianças, testemunharão a fidelidade do povo simples e crente, com a oferta de um óbulo simbólico para os Seminários, um ramalhete espiritual e as primícias dos frutos da terra. E' a homenagem terna dos filhos ao Pai extremoso, encarnação do Pai que está nos céus, dador de todos os bens.

A completar o cenário e a envolver de ternura sincera as homenagens surgirá, o coro de vozes cristalinas das crianças da catequese que a equipa de sacerdotes apaixonados pela renovação do canto litúrgico, está a preparar cuidadosamente.

Brevemente!!

Um novo estabelecimento de que Guimarães necessita!

Do Concelho

Caldas de Vizela

Iluminação Pública

Temos verificado, já há bastantes dias, que se encontram no centro da nossa vila e imediações muitos candeeiros apagados, que estão assim distribuídos: no Jardim D. Maria do Resgate Salazar; junto ao edifício da Assembleia Vizelense; em frente à Padaria Central; na ponte nova, aqui três seguidos; e no Bairro Mourisco.

Apelamos para quem de direito, para que sejam eliminadas estas anomalias no mais curto espaço de tempo.

Bombelros Voluntários de Vizela

O Conselho Nacional de Serviços de Incêndios vai proceder à distribuição de verbas às corporações de Bombeiros para aquisição de material. Nesta distribuição a verba que coube aos nossos Bombeiros é de vinte e dois mil e quinhentos escudos.

Folgamos muito ao saber que a nossa Real Associação dos Bombeiros Voluntários não foi esquecida nesta distribuição.

Avenida de S. Miguel

A Câmara Municipal de Guimarães, em sessão do 19 do corrente,



VIZELA — Parque das Termas

deliberou adjudicar ao empreiteiro Raimundo Durães a construção da avenida que dará acesso à igreja paroquial de S. Miguel, e encarregou o Vereador Sr. Santos Simões para fazer diligências no sentido de se estabelecerem os necessários acordos para aquisição ou expropriação dos imóveis necessários para a referida obra.

Oxalá que os acordos cheguem a vias de facto o mais depressa possível, para assim se dar início a uma obra que é um dos principais anseios dos vizelenses e nomeadamente dos habitantes daquela freguesia.

Campeonato Regional de Futebol de Juniores

Começa hoje a disputar-se esta prova. O nosso adversário é o valoroso Clube Desportivo Franciscano de Holanda. Os nossos rapazes vão animados da melhor das vontades para arrancar um resultado que não desprestigie o nosso clube e consequentemente a nossa terra.

Coronel Mário Cardoso

Encontra-se entre nós, na sua quinta da Cascalheira, como é de costume nesta época de colheitas, na companhia de sua Ex.^{ma} Família, este ilustre oficial do nosso Exército e digno director do Museu Martins Sarmiento.

Espectáculo Teatral

O Centro de Recreio Popular desta vila faz hoje deslocar à Vila da Lixa as suas secções de Grupo Cénico e de Variedades, aonde dará um espectáculo.

Escolas Primárias

A seu pedido foram novamente colocadas nas Escolas de S. João das Caldas, desta vila, as Professoras D. Maria Belém da Silva Lopes e D. Maria do Rosário de Fátima Pinheiro Gomes.

Registamos com prazer a sua presença, pois devido às suas boas qualidades de carácter e trabalho são muito estimadas no nosso meio.

Doante

Encontra-se melhor dos seus padecimentos a nossa familiar e gentil menina Maria Augusta de Oliveira Campelos.

Teatro Cine-Parque

Apresenta hoje, pelas 15,15 e 21 horas, o sensacional filme que obteve um enorme êxito — NUNCA DIGAS ADEUS, com: Cock Hudson e Corvell Borchers. (Espectáculo para maiores de 12 anos)

Domingo, 3 — filme a anunciar.

Farmácia de serviço

Hoje está de serviço permanente a Farmácia ALVES, Tel. 48232.—C.

Caldas das Taipas

Posto clínico da Federação das Caixas de Previdência

Por várias vezes temo-nos referido à construção do edifício destinado aos beneficiários das Caixas de Previdência, sito na Avenida da República, desta vila, que abrangerá a área das freguesias que circundam as Caldas das Taipas. E temos-lhe dedicado várias referências, porque se se trata de uma construção de grande utilidade para o fim a que se destina, igualmente representa um melhoramento cidadão de grande projecção urbanística.

Há dias, por amável deferência do fiscal do Estado, tivemos ocasião de apreciar as obras efectuadas, percorrendo todo o amplo edifício. Devemos dizer que a impressão colhida excedeu toda a nossa expectativa optimista.

Na verdade o futuro Posto Clínico das Taipas, fica instalado com todas as condições modernas e com meios técnicos de estudo e observação capazes para o bom desempenho a que está destinado.

A Federação das Caixas procurando dotá-lo eficientemente, com comodidade inerente para todos, presta um relevante serviço aos beneficiários das Caixas, e ao mesmo

tempo dignifica esta terra que ficará com um edifício e serviços clínicos altamente honrosos.

E já agora temos a grata certeza de que os esforços empregados para a sua rápida conclusão, junto do actual e ilustre Ministro das Corporações, Sr. Dr. Veiga de Macedo, estão a ser atingidos plenamente e são motivo de grande satisfação. Afirmá-lo é um dever que se traduz num prazer assinalar como um bom serviço prestado às Taipas.

«Notícias de Guimarães»

Várias pessoas desta região têm-se nos dirigido a solicitar a assinatura do *Notícias de Guimarães*, visto ser um jornal que está a defender os interesses do concelho com solicitude e bairrismo, não esquecendo um completo noticiário sobre as freguesias e os seus anseios de progresso.—C.

Campelos

Os nossos problemas

Foi com satisfação que nousbemos para a Câmara Municipal numa das últimas sessões admitiu por unanimidade a proposta para o arranjo conveniente da estrada de Campelos. Oxalá que o iniciar dos trabalhos não se faça esperar, pois atendendo ao seu lastimoso estado e à aproximação do Inverno, esta via de grande movimento tornar-se-á intransitável. A propósito lembramos o que já em tempos escrevemos, a falta duma placa de sinalização e dum candeeiro no centro de Campelos, cuja falta é muito sentida.

Princípio de Incêndio

Cerca de uma hora da madrugada do domingo passado, manifestou-se um princípio de incêndio na secção de Batedores da Fiação Fina da Fábrica de Campelos. Dado o alarme pelos guardas-nocturnos, compareceram logo alguns populares que com extintores dominaram as chamas que saíam duma porção de algodão em rama. Os bombeiros de Guimarães, a quem foi pedido socorro, compareceram rapidamente com um pronto-socorro e o piquete nocturno, comandado pelo subchefe Amadeu Soares. Os seus serviços foram utilizados somente para retirar o algodão queimado da fábrica e apagar o lume que nele ainda existia. Os prejuízos são de pouca monta.

Cortejo de S. Miguel em Vila Nova de Sande

Organizou a laboriosa freguesia de V. N. de Sande um vistoso cortejo de S. Miguel com oferendas para as obras paroquiais, das quais muito carece. Tivemos a oportunidade de observar a marcha do cortejo e apreciar o seu belo efeito. Carros com lindas moçoilas vestidas

à moda do Minho, carregavam as mais variadas espécies de ofertas, desde toros, mato, palha, até às mais insignificantes prendas de acafate, num desfile alegre e colorido de mais de uma dezena de carros. Sem desprimor para ninguém, distinguimos um que por sua originalidade era motivo de apreço. Era o carro do comerciante Sr. Manuel João Ferreira, que representando uma mercearia, nela ia uma amostra de tudo quanto o proprietário tem no seu estabelecimento.

Até o empregado de balcão, de lápis na orelha, não faltou, completando assim um conjunto alegórico. Todos os lugares se apresentaram muito bem, e os proprietários cumpriram apresentando os seus carros abrotados de tudo o quanto se pode imaginar.

Houve um abastado proprietário, o Sr. José Machado Guimarães que, não obstante nestas freguesias uma só quinta — a do Real — apresentou três carros de toros, representando a dita propriedade e a da Coturela e S. Miguel, estas de S. Clemente de Sande. Estas generosas atitudes são dignas de registo, pois elas só por si encerram a sublimidade de uma alma que ao serviço da causa comum não regateiam os seus valiosos préstimos.

O cortejo teve o seu fim no Largo do Cruzeiro, onde foram leiloadas as ofertas. Era um regalo para a vista os bem preparados tabuleiros com comes e bebes que os mais arrojadados compravam e saboreavam à sombra das carvalheiras, onde uma festada tocava e dançava modas da nossa terra, tão do agrado popular. Lá estava o Ceguinho de Campelos, indispensável nestas andanças pelo seu amor à música folclórica e hom ouvido para a afinação da festada.

Podemos dizer que V. N. de Sande quando quer sabe cumprir, dando até exemplo às terras suas vizinhas muito mais populosas. Lá diz o ditado: «muito pode quem quer». Está, pois, de parabéns toda a freguesia, mormente o zeloso abade, pois não se poupou a canseiras para que o cortejo resultasse rendoso e de belo efeito, contribuindo assim para a riqueza e embelezamento do património paroquial. Bem haja!

Em viagem

Com rumo à África, partiu no dia 25 do corrente, a bordo do vapor «Uige», o nosso conterrâneo e amigo Sr. Armindo de Oliveira. Desejamos-lhe boa viagem e felicidades.

Aos senhores assinantes

Extraviaram-se da nossa colecção os n.ºs 1.334 e 1.343, do *Notícias de Guimarães*, respectivamente de 21-7 e 22-9 do ano corrente, o que nos faz muita falta. Por tal motivo rogamos a fineza aos senhores assinantes que não façam colecção de nos enviarem os ditos números, ficando ao nosso encargo toda a despesa. Desde já o nosso muito obrigado.—C.

De Covas

Tenente-Coronel João de Paiva Faria Leite Brandão

A Junta de Freguesia de Polvora enviou ao Sr. Tenente-Coronel João de Paiva Faria Leite Brandão um telegrama de felicitações a propósito da sua recente nomeação para Adido Militar e da Aeronáutica em Washington e representante militar em Otava, Canadá.

... E Covas rejubilou com a agradável notícia da nomeação e orgulha-se de um filho seu exercer tão alto cargo — ao serviço da Nação. As nossas mais sinceras felicitações ao nosso ilustre conterrâneo.

Expediente

M. Ribeiro, Guardizela. — Agradecemos as informações que nos prestou. Um abraço.

F. J. S., Guimarães. — À empresa de camionagem não lhe cabe a culpa mas sim à Direcção Geral dos Transportes Terrestres.

A «gripe asiática»

Se são os alunos das escolas primárias desta região os mais atacados com a «gripe asiática», porque não se fecham — o ano escolar ainda está a principiar — as escolas?

Por Calvos

Na vizinha freguesia de Calvos realizou-se no passado domingo um cortejo de oferendas em prol do salão paroquial e das obras da igreja paroquial, que esteve muito concorrido.

Tudo correu muito bem, só no final é que houve um verdadeiro «arriaal» de pancadaria, onde não faltaram tiros. Felizmente não houve casos graves e a G. N. R. compareceu no local.

Quatro notas

O preço duma viagem por caminho de ferro dentro da mesma freguesia, entre Covas e a cidade — que são uns dois quilómetros — é de 1\$70 e em 3.ª classe. Na camionagem o mesmo percurso é de 1\$00.

— Recebemos o 1.º número da nova revista quinzenal *Mundo motorizado*, que oferece aos seus leitores a mais completa organização especializada que se criou até agora em Portugal.

— Nesta terra está a faltar o

leite, motivo porque já subiu de preço.

— Foi encontrado um lindo cão de caça no lugar da Várzea, freguesia de Pinheiro, que se entrega ao seu legítimo dono. Informa o correspondente desta localidade.

O Juiz Dr. António Quintela falou sobre a acção dos grupos de Bem-Fazer

Através do posto dos Emissores do Norte Reunidos, ouviu-se no dia 16 do corrente, à noite, pelas 10 horas, uma breve apreciação da actividade dos grupos de «Bem-Fazer», proferida pelo Sr. Dr. António Quintela, meritíssimo juiz do Tribunal de Polícia, do Porto.

Todos se lembram — diz o *Jornal de Notícias* — certamente (tantas vezes o temos dito!) de uma famosa sentença do ilustre magistrado, que absolveu o dono de um estabelecimento que permitira, para além do seu horário de funcionamento, a permanência, portas adentro, de um grupo de gente humilde que estudava a possibilidade de vestir um certo número de crianças pobres. Era o Grupo «Bem-Fazer» de Santo Ildefonso e, tornada pública por nós a douta decisão, todos sabem o que aconteceu. Aquele grupo multiplicou a acção que desenvolvia (e desenvolve) anonimamente e outros grupos apareceram a espalhar o Bem — a Bem-Fazer...

Quem melhor, pois, que o próprio magistrado podia falar sobre aquela cruzada de caridade? E fê-lo o magnânimo e humaníssimo juiz proferindo uma sentença, mais uma sentença notável, como muito bem disse o Sr. Júlio Silva, director da Ideal Rádio, que o apresentou. O Sr. Dr. António Quintela definiu o Bem, a prática autêntica do Bem como sendo justamente aquela que ele pudera apreciar através do referido julgamento e que também, acrescentamos nós agora, tão justamente soube analisar, decidindo no caso sujeito com o mais elevado sentimento de humanidade, para extrair da rigidez da lei tudo quanto ela pode ter de bondade e da verdadeira justiça que a terá informado.

— Também no passado dia 23, à mesma hora, no emissor da Ideal Rádio, o benemérito português Senhor Comendador António Augusto Pinto Félix, presidente da Junta de Freguesia de Santo Ildefonso, Porto, proferiu algumas palavras referentes à acção dos Grupos de «Bem-Fazer».

E o Grupo «Bem-Fazer», de Covas, — o 2.º — já deu a sua adesão ao de Santo Ildefonso, para a campanha da grande parada de caridade. Portanto, es e G upo local vestirá no próximo mês de Novembro um pequeno número de crianças.

— Por intermédio deste jornal recebemos para o «Bem-Fazer» do Senhor J. C. — pelo bom resultado nos exames dum seu neto — a importância de 10\$00.

Que bom seria se todos assim compreendessem...

Tudo quanto se faça pelas crianças é pouco!

— Todas as ofertas, quer em tecidos, donativos, calçado, etc., deverão ser enviados ao grupo «Bem-Fazer», Covas; ou aos correspondentes deste jornal.

«Notícias de Guimarães»

A partir de hoje, começa a vender o *Notícias de Guimarães* o vendedor de jornais Sr. José da Cunha, aqui residente.

Portanto, este jornal aparecerá em Covas cerca das 7,45 e daqui seguirá para Moreira de Cónegos.

«TIRA-TEIMAS»

Sineiros, Sinos & Confrarias

«Sr. Correspondente:

Recordemos um pouco do passado já que a confusão dos dias de hoje nos obriga a procurar no passado a melhor maneira, o bom tom, e, quantas vezes, o contraste flagrante...

Atestam documentos que no ano de 1890, no mês de Maio, esteve esta freguesia de Polvora em festa rija, como doutra não houvera memória, pelo facto de a Confraria de Nossa Senhora do Rosário, juntamente com a Confraria do Santíssimo terem resolvido dotar as mesmas Confrarias com sinos privativos, para com eles, sinos, diferencarem os seus confrades, no toque de Finados.

Foi, como digo, dia de grande alegria, e festejada a entrada dos dois sinos na freguesia: — o grande, o da Senhora, posto num carro pequeno, puxado por uma junta de toiros a dois dentes, da Quinta de Soutelo; e o pequeno, o do Santíssimo, posto num carro grande, tirado por duas juntas de bois dos melhores da freguesia, bois de engorda já forros, da Quinta da Moura d'Além e Quinta do Vale, tudo muito engalanado com campainhas e fitas, flores e guizos, carros, bois, sinos, e moças da sogá.

As duas Confrarias de mãos dadas não se pouparam a despesas, e assim, desde o lugar do Ribeiro de Baixo à Igreja, não houve minutos de tempo, nem metro de terreno em que a música deixasse de tocar e os foguetes de estoirar.

Os nichos para os mesmos, na torre, também foram pagos pelas duas Confrarias. E quem, filho desse tempo, se não recorda de ouvir, logo no domingo seguinte, à sua chegada, dia da festa estatutal de Nossa Senhora do Rosário, os três em conjunto festejarem alegremente, repiques executados pelo sineiro de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, para esse fim convidado?

Foi assim então... assim rezam as crónicas...

Hoje, hoje caímos numa anarquia irresponsável.

Ainda há poucos anos que o sino da Senhora só tocava aos defuntos confrades e nunca aos que não fossem — era a razão «sine qua non». Nesse tempo quem ordenava no sino era a Confraria e nunca esta cobrou dos doridos do defunto, um real pelo toque.

Como pode admitir-se que deixasse de ser assim?

Porque hão-de tocar todos os sinos a todos os defuntos, quer tenham sido ou não confrades? Como é que estão hoje no usufruto de um homem que, sem qualquer espécie de escrúpulos, leva centenas de escudos, pelo toque a cada defunto e cem escudos por dois sinais a um confrade de fora da freguesia?

Quem lhe conferiu esse direito: — as Confrarias, o Pároco, a Junta, o Regedor?

Não há preço para este toque? E já que se fala em preços, qual o que regula o de abrir uma cova no cemitério? Diz-se que se leva cem e cento e cinquenta escudos por abrir uma cova, quando um jornalista abre quinze ou vinte, por dia, para plantar vides, por dez escudos.

Para mim, só há uma resposta para tantas perguntas. E é ela a do sapateiro de Braga: — Haja moralidade para vivermos todos.

Agradecendo a publicação, sou, De V... Atenciosamente, António Esteves Pereira — Casa da Valinha — Polvoreira».

Nota do C. — Já não é a primeira reclamação que chega até nós quanto ao abuso destes preços.

Também temos conhecimento de que, há meses, faleceu um paroquiano desta freguesia e que passados dias apareceu ao irmão do falecido a conta do sineiro (e não é esta a sua profissão) — apenas 200\$ — e, como ele não estava disposto a ser «levado», não pagou. Por este motivo — diz-se — foi agredido e, por fim, teve de pagar ficando com as que apanhou quando se recusou a pagar... «Ninguém lhas tirou!» gaba-se, ainda, o sineiro. Será verdade?

«Andou pelas autoridades mas teve de pagar» — diz o sineiro.

E estamos informados que é verdade. Fez mal não deixar ir para o Tribunal — dizemos nós.

O que gostávamos de saber é quem permite que um homem lá por tocar os sinos meta contas de mestre...

As próprias Confrarias que têm sinos privativos, devem impor-se, pois, de contrário, acabarão por não ter confrades.

As mesmas devem ter sineiros por conta delas — como antigamente. Os confrades, cremos, não têm nada a pagar, no que diz respeito à Confraria.

Sempre julgamos, que um confrade tinha algumas regalias das próprias Confrarias, ou seja, missas, toque do sino, acompanhamento dos irmãos com o respectivo estandarte, etc... sem terem de pagar, repetimos, qualquer despesa.

Agora para ter de pagar ao sineiro por tocar o sino da Confraria, aos confrades que vão acompanhar o funeral, etc. é preferível (ao menos fica mais económico à família dorida) não ser confrade destas Confrarias.

Consta-nos que numa vizinha freguesia, ou melhor na freguesia de Mascotelos (Santo Amaro) o pároco — numa meli la louvável — já me deu nos «eixos», queremos dizer, já fez novos preços (mais baixos) às Confrarias, ao sineiro, etc., o que nos cumpre registar... mais ainda: perguntamos, a propósito, a um sineiro duma freguesia vizinha para nos informar quanto leva por tocar a finados. Disse-nos que leva a 5\$00 por cada toque e, portanto, não chega a 40\$00 a maioria e aos «anjinhos» regula uns 20\$00. Assim compreende-se.

Mas em Polvora é o que se sabe... é tudo pelo preço da pólvora...

Finalmente, cremos que — para não voltarmos ao assunto — com a publicação desta justa reclamação e dos nossos comentários, acabará rapidamente tão grande abuso — verdadeiro assalto à bolsa dos doridos. E é tudo.—C.

«Retalhos e observações»

Neste número principiarei transcrevendo alguns recortes de diversos jornais e revistas que julgo merecerem a atenção de todos nós.

Por hoje principiarei pela transcrição de uma parte da crónica semanal do Sr. Carlos Riobom, no *Comércio da Póvoa de Varzim*, o qual diz:

«Ora, para que tivesse a minha correspondência diariamente às 13 horas precisas, uma pobre velha, vestida de negro, lembrando estranhamente uma «Pietà» de Miguel Angelo, era compelida a percorrer um ror de quilómetros quatro vezes ao dia, subindo e descendo escarpas de uma montanha ao sol e ao frio de enregelar, a chuva entranhando-se-lhe nos ossos, por dois miseráveis escudos diários, levando a mala das Caldas de Moledo a Fontelas!!!

Corta o coração a sorte da pobre Maria Alice, muito embora saiba que, esse serviço, é posto em hasta pública — que se ela não aceitasse haveria... mil caes a um osso!».

Agora, digo eu! Haverá o direito de se esmagar tão miseravelmente a desgraça alheia?

Não haverá dentro dessa organização um ser que se insurja e que veja como Ser Humano que, pela concorrência (dos desgraçados que como essa pobre Maria Alice) para ganhar honradamente as códeas que lhe darão direito esses dois miseráveis escudos, se assemelham a meia dúzia de cães esfomeados agarrados a um miserável osso?

E inacreditável que no nosso século, em que a civilização atingida nos devia impor mais respeito pelo nosso semelhante, se nos apresentem factos como este. Mais ainda: não se admite que num país essencialmente cristão se encontrem ainda destes tristes quadros.

A quem caberá a culpa? Aos culpados chamo eu a devida atenção pois que, procedendo assim, serão tudo menos Portugueses.

Infelizmente este triste exemplo não é único e, quem dera que o fosse. Nos nossos dias existem ainda seres odiosos que, debaixo da capa de misericórdia (para socorrerem segundo dizem), exploram desumanamente aqueles que precisam e que vivem apenas do seu trabalho, ou melhor por não terem a felicidade de estar com gente honrada que graças a Deus ainda há.—C.

«Retalhos e observações»

Neste número principiarei transcrevendo alguns recortes de diversos jornais e revistas que julgo merecerem a atenção de todos nós.

Por hoje principiarei pela transcrição de uma parte da crónica semanal do Sr. Carlos Riobom, no *Comércio da Póvoa de Varzim*, o qual diz:

«Ora, para que tivesse a minha correspondência diariamente às 13 horas precisas, uma pobre velha, vestida de negro, lembrando estranhamente uma «Pietà» de Miguel Angelo, era compelida a percorrer um ror de quilómetros quatro vezes ao dia, subindo e descendo escarpas de uma montanha ao sol e ao frio de enregelar, a chuva entranhando-se-lhe nos ossos, por dois miseráveis escudos diários, levando a mala das Caldas de Moledo a Fontelas!!!

Corta o coração a sorte da pobre Maria Alice, muito embora saiba que, esse serviço, é posto em hasta pública — que se ela não aceitasse haveria... mil caes a um osso!».

Agora, digo eu! Haverá o direito de se esmagar tão miseravelmente a desgraça alheia?

Não haverá dentro dessa organização um ser que se insurja e que veja como Ser Humano que, pela concorrência (dos desgraçados que como essa pobre Maria Alice) para ganhar honradamente as códeas que lhe darão direito esses dois miseráveis escudos, se assemelham a meia dúzia de cães esfomeados agarrados a um miserável osso?

E inacreditável que no nosso século, em que a civilização atingida nos devia impor mais respeito pelo nosso semelhante, se nos apresentem factos como este. Mais ainda: não se admite que num país essencialmente cristão se encontrem ainda destes tristes quadros.

A quem caberá a culpa? Aos culpados chamo eu a devida atenção pois que, procedendo assim, serão tudo menos Portugueses.

Infelizmente este triste exemplo não é único e, quem dera que o fosse. Nos nossos dias existem ainda seres odiosos que, debaixo da capa de misericórdia (para socorrerem segundo dizem), exploram desumanamente aqueles que precisam e que vivem apenas do seu trabalho, ou melhor por não terem a felicidade de estar com gente honrada que graças a Deus ainda há.—C.

«Retalhos e observações»

Neste número principiarei transcrevendo alguns recortes de diversos jornais e revistas que julgo merecerem a atenção de todos nós.

Por hoje principiarei pela transcrição de uma parte da crónica semanal do Sr. Carlos Riobom, no *Comércio da Póvoa de Varzim*, o qual diz:

«Ora, para que tivesse a minha correspondência diariamente às 13 horas precisas, uma pobre velha, vestida de negro, lembrando estranhamente uma «Pietà» de Miguel Angelo, era compelida a percorrer um ror de quilómetros quatro vezes ao dia, subindo e descendo escarpas de uma montanha ao sol e ao frio de enregelar, a chuva entranhando-se-lhe nos ossos, por dois miseráveis escudos diários, levando a mala das Caldas de Moledo a Fontelas!!!

Corta o coração a sorte da pobre Maria Alice, muito embora saiba que, esse serviço, é posto em hasta pública — que se ela não aceitasse haveria... mil caes a um osso!».

Agora, digo eu! Haverá o direito de se esmagar tão miseravelmente a desgraça alheia?

Não haverá dentro dessa organização um ser que se insurja e que veja como Ser Humano que, pela concorrência (dos desgraçados que como essa pobre Maria Alice) para ganhar honradamente as códeas que lhe darão direito esses dois miseráveis escudos, se assemelham a meia dúzia de cães esfomeados agarrados a um miserável osso?

E inacreditável que no nosso século, em que a civilização atingida nos devia impor mais respeito pelo nosso semelhante, se nos apresentem factos como este. Mais ainda: não se admite que num país essencialmente cristão se encontrem ainda destes tristes quadros.

A quem caberá a culpa? Aos culpados chamo eu a devida atenção pois que, procedendo assim, serão tudo menos Portugueses.

Infelizmente este triste exemplo não é único e, quem dera que o fosse. Nos nossos dias existem ainda seres odiosos que, debaixo da capa de misericórdia (para socorrerem segundo dizem), exploram desumanamente aqueles que precisam e que vivem apenas do seu trabalho, ou melhor por não terem a felicidade de estar com gente honrada que graças a Deus ainda há.—C.

«Retalhos e observações»

Neste número principiarei transcrevendo alguns recortes de diversos jornais e revistas que julgo merecerem a atenção de todos nós.

Por hoje principiarei pela transcrição de uma parte da crónica semanal do Sr. Carlos Riobom, no *Comércio da Póvoa de Varzim*, o qual diz:

«Ora, para que tivesse a minha correspondência diariamente às 13 horas precisas, uma pobre velha, vestida de negro, lembrando estranhamente uma «Pietà» de Miguel Angelo, era compelida a percorrer um ror de quilómetros quatro vezes ao dia, subindo e descendo escarpas de uma montanha ao sol e ao frio de enregelar, a chuva entranhando-se-lhe nos ossos, por dois miseráveis escudos diários, levando a mala das Caldas de Moledo a Fontelas!!!

Corta o coração a sorte da pobre Maria Alice, muito embora saiba que, esse serviço, é posto em hasta pública — que se ela não aceitasse haveria... mil caes a um osso!».

Agora, digo eu! Haverá o direito de se esmagar tão miseravelmente a desgraça alheia?

Não haverá dentro dessa organização um ser que se insurja e que veja como Ser Humano que, pela concorrência (dos desgraçados que como essa pobre Maria Alice) para ganhar honradamente as códeas que lhe darão direito esses dois miseráveis escudos, se assemelham a meia dúzia de cães esfomeados agarrados a um miserável osso?

E inacreditável que no nosso século, em que a civilização atingida nos devia impor mais respeito pelo nosso semelhante, se nos apresentem factos como este. Mais ainda: não se admite que num país essencialmente cristão se encontrem ainda destes tristes quadros.

A quem caberá a culpa? Aos culpados chamo eu a devida atenção pois que, procedendo assim, serão tudo menos Portugueses.

Infelizmente este triste exemplo não é único e, quem dera que o fosse. Nos nossos dias existem ainda seres odiosos que, debaixo da capa de misericórdia (para socorrerem segundo dizem), exploram desumanamente aqueles que precisam e que vivem apenas do seu trabalho, ou melhor por não terem a felicidade de estar com gente honrada que graças a Deus ainda há.—C.

«Retalhos e observações»

Neste número principiarei transcrevendo alguns recortes de diversos jornais e revistas que julgo merecerem a atenção de todos nós.

Por hoje principiarei pela transcrição de uma parte da crónica semanal do Sr. Carlos Riobom, no *Comércio da Póvoa de Varzim*, o qual diz:

«Ora, para que tivesse a minha correspondência diariamente às 13 horas precisas, uma pobre velha, vestida de negro, lembrando estranhamente uma «Pietà» de Miguel Angelo, era compelida a percorrer um ror de quilómetros quatro vezes ao dia, subindo e descendo escarpas de uma montanha ao sol e ao frio de enregelar, a chuva entranhando-se-lhe nos ossos, por dois miseráveis escudos diários, levando a mala das Caldas de Moledo a Fontelas!!!

Corta o coração a sorte da pobre Maria Alice, muito embora saiba que, esse serviço, é posto em hasta pública — que se ela não aceitasse haveria... mil caes a um osso!».

Agora, digo eu! Haverá o direito de se esmagar tão miseravelmente a desgraça alheia?

Não haverá dentro dessa organização um ser que se insurja e que veja como Ser Humano que, pela concorrência (dos desgraçados que como essa pobre Maria Alice) para ganhar honradamente as códeas que lhe darão direito esses dois miseráveis escudos, se assemelham a meia dúzia de cães esfomeados agarrados a um miserável osso?

E inacreditável que no nosso século, em que a civilização atingida nos devia impor mais respeito pelo nosso semelhante, se nos apresentem factos como este. Mais ainda: não se admite que num país essencialmente cristão se encontrem ainda destes tristes quadros.

A quem caberá a culpa? Aos culpados chamo eu a devida atenção pois que, procedendo assim, serão tudo menos Portugueses.

Infelizmente este triste exemplo não é único e, quem dera que o fosse. Nos nossos dias existem ainda seres odiosos que, debaixo da capa de misericórdia (para socorrerem segundo dizem), exploram desumanamente aqueles que precisam e que vivem apenas do seu trabalho, ou melhor por não terem a felicidade de estar com gente honrada que graças a Deus ainda há.—C.

«Retalhos e observações»

Neste número principiarei transcrevendo alguns recortes de diversos jornais e revistas que julgo merecerem a atenção de todos nós.

Por hoje principiarei pela transcrição de uma parte da crónica semanal do Sr. Carlos Riobom, no *Comércio da Póvoa de Varzim*, o qual diz:

«Ora, para que tivesse a minha correspondência diariamente às 13 horas precisas, uma pobre velha, vestida de negro, lembrando estranhamente uma «Pietà» de Miguel Angelo, era compelida a percorrer um ror de quilómetros quatro vezes ao dia, subindo e descendo escarpas de uma montanha ao sol e ao frio de enregelar, a chuva entranhando-se-lhe nos ossos, por dois miseráveis escudos diários, levando a mala das Caldas de Moledo a Fontelas!!!

Corta o coração a sorte da pobre Maria Alice, muito embora saiba que, esse serviço, é posto em hasta pública — que se ela não aceitasse haveria... mil caes a um osso!».

Agora, digo eu! Haverá o direito de se esmagar tão miseravelmente a desgraça alheia?

Não haverá dentro dessa organização um ser que se insurja e que veja como Ser Humano que, pela concorrência (dos desgraçados que como essa pobre Maria Alice) para ganhar honradamente as códeas que lhe darão direito esses dois miseráveis escudos, se assemelham a meia dúzia de cães esfomeados agarrados a um miserável osso?

E inacreditável que no nosso século, em que a civilização atingida nos devia impor mais respeito pelo nosso semelhante, se nos apresentem factos como este. Mais ainda: não se admite que num país essencialmente cristão se encontrem ainda destes tristes quadros.

A quem caberá a culpa? Aos culpados chamo eu a devida atenção pois que, procedendo assim, serão tudo menos Portugueses.

Infelizmente este triste exemplo não é único e, quem dera que o fosse. Nos nossos dias existem ainda seres odiosos que, debaixo da capa de misericórdia (para socorrerem segundo dizem), exploram desumanamente aqueles que precisam e que vivem apenas do seu trabalho, ou melhor por não terem a felicidade de estar com gente honrada que graças a Deus ainda há.—C.

«Retalhos e observações»

Neste número principiarei transcrevendo alguns recortes de diversos jornais e revistas que julgo merecerem a atenção de todos nós.

Por hoje principiarei pela transcrição de uma parte da crónica semanal do Sr. Carlos Riobom, no *Comércio da Póvoa de Varzim*, o qual diz:

«Ora, para que tivesse a minha correspondência diariamente às 13 horas precisas, uma pobre velha, vestida de negro, lembrando estranhamente uma «Pietà» de Miguel Angelo, era compelida a percorrer um ror de quilómetros quatro vezes ao dia, subindo e descendo escarpas de uma montanha ao sol e ao frio de enregelar, a chuva entranhando-se-lhe nos ossos, por dois miseráveis escudos diários, levando a mala das Caldas de Moledo a Fontelas!!!

Corta o coração a sorte da pobre Maria Alice, muito embora saiba que, esse serviço, é posto em hasta pública — que se ela não aceitasse haveria... mil caes a um osso!».

Agora, digo eu! Haverá o direito de se esmagar tão miseravelmente a desgraça alheia?

Não haverá dentro dessa organização um ser que se insurja e que veja como Ser Humano que, pela concorrência (dos desgraçados que como essa pobre Maria Alice) para ganhar honradamente as códeas que lhe darão direito esses dois miseráveis escudos, se assemelham a meia dúzia de cães esfomeados agarrados a um miserável osso?

E inacreditável que no nosso século, em que a civilização atingida nos devia impor mais respeito pelo nosso semelhante, se nos apresentem factos como este. Mais ainda: não se admite que num país essencialmente cristão se encontrem ainda destes tristes quadros.

A quem caberá a culpa? Aos culpados chamo eu a devida atenção pois que, procedendo assim, serão tudo menos Portugueses.

Infelizmente este triste exemplo não é único e, quem dera que o fosse. Nos nossos dias existem ainda seres odiosos que, debaixo da capa de misericórdia (para socorrerem segundo dizem), exploram desumanamente aqueles que precisam e que vivem apenas do seu trabalho, ou melhor por não terem a felicidade de estar com gente honrada que graças a Deus ainda há.—C.

«Retalhos e observações»

Neste número principiarei transcrevendo alguns recortes de diversos jornais e revistas que julgo merecerem a atenção de todos nós.

Por hoje principiarei pela transcrição de uma parte da crónica semanal do Sr. Carlos Riobom, no *Comércio da Póvoa de Varzim*, o qual diz:

«Ora, para que tivesse a minha correspondência diariamente às 13 horas precisas, uma pobre velha, vestida de negro, lembrando estranhamente uma «Pietà» de Miguel Angelo, era compelida a percorrer um ror de quilómetros quatro vezes ao dia, subindo e descendo escarpas de uma montanha ao sol e ao frio de enregelar, a chuva entranhando-se-lhe nos ossos, por dois miseráveis escudos diários, levando a mala das Caldas de Moledo a Fontelas!!!

Corta o coração a sorte da pobre Maria Alice, muito embora saiba que, esse serviço, é posto em hasta pública — que se ela não aceitasse haveria... mil caes a um osso!».

Agora, digo eu! Haverá o direito de se esmagar tão miseravelmente a desgraça alheia?

Não haverá dentro dessa organização um ser que se insurja e que veja como Ser Humano que, pela concorrência (dos desgraçados que como essa pobre Maria Alice) para ganhar honradamente as códeas que lhe darão direito esses dois miseráveis escudos, se assemelham a meia dúzia de cães esfomeados agarrados a um miserável osso?

E inacreditável que no nosso século, em que a civilização atingida nos devia impor mais respeito pelo nosso semelhante, se nos apresentem factos como este. Mais ainda: não se admite que num país essencialmente cristão se encontrem ainda destes tristes quadros.

A quem caberá a culpa? Aos culpados chamo eu a devida atenção pois que, procedendo assim, serão tudo menos Portugueses.

Infelizmente este triste exemplo não é único e, quem dera que o fosse. Nos nossos dias existem ainda seres odiosos que, debaixo da capa de misericórdia (para socorrerem segundo dizem), exploram des

PROPAGANDA POLÍTICA DOS LIVROS Câmara Municipal de Guimarães

AINDA A SESSÃO DO DIA 17

Concluimos hoje a publicação do discurso que proferiu, na sessão de propaganda promovida pela União Nacional nesta cidade, o nosso ilustre Conterrâneo Senhor Engenheiro Duarte Amaral, candidato a Deputado pelo Circulo de Braga:

«Vistas assim as coisas, parece poder afirmar-se, sobretudo, a liberdade de se organizar uma forte máquina de ataque ao actual regime.

Nem todos, porém, verão o problema sob este ângulo e, outros, compreendendo-o, não aceitarão que assim se possa pôr a questão.

Também os que começaram a ser vencidos em 1820 — e segundo o insuspeito e ilustre Oliveira Martins eram todo o País — não aceitaram as concepções do liberalismo, e este defendeu-se e venceu; também os vencidos de 1910 não se conformaram com a queda da Monarquia, e a República defendeu-se e venceu; como pode pensar-se que os vencedores do 28 de Maio de 1926 — movimento do Exército, tão profundo que foi um clamor de toda a Nação — como pode pensar-se, dizia eu, que estes não se defendam e não procurem vencer?!

Acresce que a luta, hoje, não está travada entre as diferentes concepções políticas do Ocidente, desde o regime parlamentar de Inglaterra, — nascido por evolução lentíssima, numa ilha durante séculos praticamente inexpugnável — até ao regime português, paternalmente autoritário e passando pelo parlamentarismo da França, sistema de desordem a diminuir o Ocidente, pelo roubo da força e do prestígio desse luminoso país.

A luta é mais profunda, pois está travada entre todos os valores do Ocidente que se juntam e revoltam e tardam em fundir-se e a concepção comunista da Vida.

Só por esta razão já se perceberia a necessidade de certa autoridade e de uma rapidez de resolução que permitam a luta com um adversário bem comandado e prontamente obediente.

Mas é por outro lado evidente que na época da T. S. F., do avião de jacto, dos projecteis intercontinentais e dos satélites, os dirigentes de qualquer empresa e sobretudo do Estado, precisam de ter uma rapidez de determinação e uma autoridade bem diferentes das do tempo da mala-posta ou até da máquina a vapor.

O regime liberal, mesmo em época para si mais propícia e feitas várias excepções, entre as quais se destaca a brilhantíssima acção de fomento de Fontes Pereira de Melo e a gloriosa ocupação de África no reinado de D. Carlos, não nos deu nem paz, nem ordem, nem riqueza e nem ao menos resolveu aqui o problema do analfabetismo — sua glória no resto da Europa.

E porque os homens eram portugueses como nós e porque os portugueses são, salvo os demetados, gente boa e honrada, se vê, claramente, serem os defeitos do sistema.

Reparai nestas datas dos compêndios de história, de enumeração fastidiosa, mas tão elucidativa que não resisto a citar algumas.

Até ao regime liberal há três factos culminantes nas lutas internas dos portugueses — a revolta do Infante D. Afonso contra seu pai, a de D. Sancho II e D. Afonso III e o desastroso recuento de Alfaro-beira. Depois de 1820 as revoluções, sublevações, pronunciamentos e atentados não têm conta: até à guerra civil de 1832, que durou dois anos, foram 18; depois, até ao 31 de Janeiro, em 1891, foram 20; seguiu-se a tragédia do Terreiro do Paço, com a morte do Rei D. Carlos e do Príncipe Real e, depois, até à revolução do 28 de Maio foram mais 20 alterações da vida portuguesa, entre as quais o assassinato de Sidónio Pais e a tragédia do 19 de Outubro.

Só em 1930 acabou praticamente a guerra civil e se pôde começar a trabalhar. Acabou, mas a ordem ainda foi alterada em 1931, 1933 e 1936.

Deste período de mais de cem anos, durante o qual, aos tiros uns aos outros, andamos metidos em trabalhos em vez de trabalharmos serena e afincadamente, da falta de carvão e de ferro aproveitável, resultado, sobretudo e quanto a mim, o nosso baixo padrão de vida.

Mas logo acrescentei: — «Eu creio, meus senhores, ter já acabado o tempo das injustiças ou das simples infelicidades desta terra» e, depois de ter enumerado necessidades urgentes e velhas reivindicações, disse, a concluir: — «Guimarães tem sido vítima da sua altivez, certamente do egoísmo de alguns dos seus filhos, do geometrismo da lei e de outras coisas mais.

Tem dado muito e recebido pouco. Não sabe ou não quer pedir, mas é preciso que saiba ao menos representar.

Com uma infra-estrutura constituída por uma posição política, so-

cial e financeira de uma solidez notável, o País pode empreender a execução do primeiro Plano de Fomento, que começa, segundo os últimos números da O. E. C. E. a dar os seus frutos, embora se trate de um plano que, uma revista agora recebida, diz ter aspectos curiosamente ascéticos.

Ora bem, estes frutos hão-de indiscutivelmente melhorar nos próximos anos e está já em adiantada elaboração o segundo Plano de Fomento, para o período de 1959 a 1964 — plano, segundo leio, mais ambicioso, com outra técnica, abrangendo mais vastos sectores e procurando realizar outros objectivos, a saber:

- Aceleração do ritmo de incremento do produto nacional bruto;
- Melhoria do nível de vida;
- Ajuda à resolução do problema do emprego;
- Melhoria da balança metropolitana de pagamentos.

É este, segundo penso, o caminho para resolver definitivamente o problema da melhoria da vida do nosso País e é preciso prosseguir nele afincadamente.

A questão é aliciente e interessa a toda a gente, e vemos agora jogadas à face do Regime e do Governo, como se fossem pesadas novidades, as soluções preconizadas e em estudo para execução.

Se Vossas Ex.ªs não aprofundaram ainda o assunto e quiserem começar a ler mais desenvolvidamente o que encontram em documentos oposicionistas, aconselho-lhes, entre outras fontes, a leitura do *Dário da Manhã*, de 18 e 19 de Janeiro deste ano, onde vem a exposição do Ministro da Presidência ao Conselho Económico e a procura dos discursos e intervenções do Eng.º Daniel Barbosa.

Vem lá tudo! Alegremo-nos porque está feita, por esta via das lições magistrais, a união da família portuguesa...

Mas a conquista de um mais alto padrão de vida, a fazer sistemática e pacientemente, não invalida a necessidade, quanto a mim urgentíssima, de prosseguir em ritmo acelerado, embora na linha do Plano, na resolução dos problemas da agricultura e na urgente e bem estudada intervenção no afilivado caso da indústria têxtil, para o estudo do qual foram nomeadas comissões que devem ter os seus trabalhos concluídos.

Meus Senhores:

O mais importante problema de Guimarães e do Concelho, consistia na ausência de «élites» ou pelo menos no seu definhamento e na sua falta de convívio.

Aniquilados e dispersos pela divisão da propriedade os últimos representantes da nobreza agrícola; sem grande número de herdeiros, por razões semelhantes, a brilhante pléiade dos intelectuais vimezanenses do século XIX; os cônegos ausentes da Colegiada; os militares sem quartel; o liceu reduzido ao 5.º ano e ameaçado por aves agorarentes de fechar por falta de alunos; quase extinta, por isso, a vida intelectual e de relação, alguns bons elementos fechados em casa, Guimarães não se apresentou a requerer, como os outros, os benefícios da vasta obra que se erguia na terra portuguesa.

Quando o meu querido amigo João Martins Aldão, numa presidência da Câmara que foi quase heróica, tantas eram as intrigas e a falta de colaboração, conseguiu inaugurar a primeira fase do abastecimento de água à cidade, eu tive de perguntar, numa fala a seu pedido, se a terra de tantas grandezas, se o primeiro concelho do País depois de Lisboa, Porto e Gaia, tanto sob o aspecto económico como sob muitos outros aspectos, se a terra-mãe de Portugal, estaria para sempre mergulhada numa apagada e vil tristeza.

Mas logo acrescentei: — «Eu creio, meus senhores, ter já acabado o tempo das injustiças ou das simples infelicidades desta terra» e, depois de ter enumerado necessidades urgentes e velhas reivindicações, disse, a concluir: — «Guimarães tem sido vítima da sua altivez, certamente do egoísmo de alguns dos seus filhos, do geometrismo da lei e de outras coisas mais.

Tem dado muito e recebido pouco. Não sabe ou não quer pedir, mas é preciso que saiba ao menos representar.

Assim se fez.

Os problemas mais urgentes e que não dependiam de planos gerais foram estudados e apresentados. Quanto aos planos gerais, inscrevem-nos para garantir a vez...

O 6.º e 7.º anos já voltaram e está resolvida a construção do novo edifício do liceu. Resolveram-se ou estão em vias de resolução os problemas da construção da Escola Industrial, o da Unidade Militar, o da 2.ª Vara do Tribunal Judicial, o do Palácio da Justiça, o da Praça de Mumadona, a decorar a belíssima estátua da fundadora de Guimarães; resolveram-se ou estão em vias de se resolverem os problemas da conclusão das obras do Paço dos Duques e do seu destino, que será o de um magnífico palácio-museu, com uma aposentadoria para chefes de estado ou outros visitantes de qualidade, o do seu parque privado, o do parque à volta do Castelo e Campo de S. Mamede.

A construção da Caixa Geral de Depósitos e a do Centro Pastoral, vão permitir o alargamento do belo museu de Alberto Sampaio.

A cidade medieval foi salva e esperamos vê-la beneficiada, quanto à higiene e quanto à sua reposição artística; o centro da cidade está a ser aberto em larga avenida — centro magnífico para uma pequena cidade — e será ligado por outra espaçosa artéria à estrada circular, a qual eliminando as passagens de nível de Govas e do Castanheiro, unirá as estradas do Porto, da Fomalício e de Braga.

Enfim, outros melhoramentos, outras obras estão em estudo, em projecto, ou já em curso, interessando todo o Concelho que, por via de transportes convenientes, poderá fazer vida mais intensa e usufruir mais largamente das comodidades e vantagens dos seus centros urbanos.

Citarei ainda e não é tudo, o projecto de transformação deste edifício onde nos encontramos em Câmara Municipal, a necessidade de novas instalações do Arquivo Alfredo Pimenta e recuperação de documentos, a ajuda à benemérita Sociedade Martins Sarmento para conclusão da sua sede, os planos de urbanização e de abastecimento de águas que interessam a Vizela, às Taipas e ao Pevidém, o plano de melhoramentos da Penha, o campo de jogos de Guimarães e, para acabar, informo não estarem esquecidos alguns dos assuntos de maior interesse — a rede de escolas primárias, a electrificação das freguesias, o problema hospitalar de Guimarães, a rede de esgotos e o problema da habitação.

Meus Senhores:

Porque falei tanto de Guimarães, sendo os deputados, embora eleitos pelas regiões, deputados da Nação?

Porque o nosso exemplo interessa a todos; proporcionalmente à categoria das suas terras, todos poderão pôr os seus problemas com a certeza de os verem resolvidos.

Aqui tem, pois, este Circulo o exemplo; aqui tem o País uma norma!

O regime está vivo, com plena capacidade de actuação e apto a fazer justiça!

«*Quou erat demonstrandum...*»

Feita esta demonstração, preciso apregoar que todos os portugueses leais têm um lugar junto de nós.

Vou terminar e já não é sem tempo, mas quero fazer mais uma afirmação: — Andam por aí algumas pessoas que, sincera ou fingidamente, se fazem preocupadas com a saúde do Sr. Presidente do Conselho e dizem ser preciso organizar-se... qualquer coisa para quando ele, como fatalmente há-de suceder um dia, abandonar o poder.

Podem estar sossegados. O Sr. Doutor Salazar está, graças a Deus, bem de saúde e a solução que estruturou há-de viver muito para além da sua vida.

O País sabe o que lhe convém, o Regime tem dado as suas provas no meio de grandes tormentas — a de Espanha, a da Guerra Mundial e seu rescaldo, a da Índia — e é mentira que Salazar esteja sózinho — uma «élite», uma verdadeira «élite» o acompanha, o ajuda e há-de suceder-lhe!

Apesar disso e porque o génio não se herda, daqui lhe dizemos, aqui de Guimarães, solar da Pátria: continue Sr. Presidente do Conselho, continue sempre, — enquanto Deus lhe der forças e também quando elas já lhe faltarem!

Gente ao acaso (Romance), por Vasco Branco. — «Litoral Editora», Aveiro.

Diz bem o título do romance com todo o recheio deste novo trabalho de Vasco Branco. Páginas simples, bem vincadas, o Autor soube tirar partido de todas as situações críticas dos seus personagens no «romance da rua», buscando com inteligência focar a vida sombria das almas... *Gente ao Acaso* é, por isso mesmo, um belo livro que se lê com muito agrado e da sua leitura fica-nos a melhor das impressões. Tanto as suas figuras, belamente estereotipadas, como os seus «diálogos» são de uma tão flagrante naturalidade, que dir-se-á que Vasco Branco estava presente à «desdobragem» de todas as cenas desenroladas diante dos seus olhos atentos e perscrutadores. E mais um romance a enriquecer a Literatura portuguesa, que, tratando-se embora de um livro de ficção, o prosador conseguiu dar-nos em *Gente ao Acaso* um sentido vivo e impressionante, tais as situações realistas que o seu talento criou com a consciência de quem sabe o que escreve — sentindo — seguro das suas responsabilidades de prosador.

Vasco Branco deu-nos, pois, um grande romance: romance que não fatiga, que não cansa; romance que fica no espírito do leitor a faz-lo lembrar na miséria social e no lodo em que se atasca — hoje como ontem... — a sociedade.

Das Antigas Corporações ao Estado Corporativo. — Palestra feita aos trabalhadores de Guimarães, em 23 de Setembro de 1955, por iniciativa do Centro de Recreio Popular (Delegação da F. N. A. T.) — Guimarães, por Manuel Alves de Oliveira.

Por feliz iniciativa do Centro de Recreio Popular, agremiação vimezanense integrada nos princípios e fins da F. N. A. T., o ilustre publicista, Sr. Manuel Alves de Oliveira, director da magnífica Revista de Cultura e Acção Nacionalista *Gil Vicente*, proferiu naquela data uma interessantíssima palestra, que, em separata da Revista de Portugalidade *Gil Vicente*, o Autor mandou há pouco imprimir e nos ofereceu.

O trabalho de Alves de Oliveira é uma lição de história política e social; e, nesta sua palestra, resalta nitidamente o seu entusiasmo pelo «nacionalismo integral», do qual é um dos seus mais activos seguidores.

Citando escritores de várias correntes filosóficas e políticas, faz deduções claras à luz da História e dos Povos, pondo em confronto a Idade Média com a Idade Contemporânea...

Faltou-lhe, porém, dizer que na Idade Média as Corporações das Artes e dos Ofícios usufruíam mais liberdade de movimentos, reunindo livremente, sem terem que pedir licença ao Rei para defenderem os seus direitos na «Casa dos Vinte e Quatro», ao passo que hoje o Sindicato vê presos ao Poder Central todos os seus movimentos de liberdade e de reunião...

A Pharmácia Paiva, por A. de Quadros Flores — 1957.

O distinto colaborador deste jornal, Sr. Coronel A. de Quadros Flores, que tão bem nos tem deliciado com as suas «Crónicas para maiores de 50 anos...», publicou, no corrente ano, em o *Correio do Minho*, da vizinha cidade de Braga, quatro crónicas a propósito da reunião do Curso do 7.º ano, de 1905, a realizar — praza a Deus que sim! — no ano de 1960, como o fez em 1955, decorridos 50 anos sobre o Curso do Liceu, com o 7.º ano.

O Sr. Coronel A. de Quadros Flores, neste propósito firme, reuniu em folheto os seus artigos com o fim principal de distribuir a maior parte pelos velhos discipulos.

E nele, o velho estudante, faz a história do que foi, no seu tempo de «menino e moço», a vida da Farmácia Paiva, dos seus primitivos proprietários, antes, o bondoso Oponense, depois seu sobrinho e sucessor, e ainda nos conta, o Sr. Coronel Quadros Flores, algumas das muitas peripécias e partidas feitas aos dois Paivas farmacêuticos.

Descobre-se, bem sentidamente, na prosa do ilustre Oficial, o quanto há de saudade por um passado distante, e que o arrasta e leva enternecidamente a chamar, a unir os discipulos de há meio século...

Escríni de Cem Beijinhos (Quadrões), por Admário Ferreira. — Livraria Académica — Editora, Póvoa de Varzim — 1957.

Não cansa, o Sr. Admário Ferreira, nas suas horas de lazer, de dar largas ao seu voo poético, publicando os seus trabalhos literários, desta vez nos oferecendo um muito interessante volumezinho com o título que encima esta notícia.

São cem quadras soltas, simples, levemente irónicas umas, outras de graça e perfume, todas elas feitas com aquela simplicidade própria de que é dotada a alma poveira.

Reunião de 17 de Outubro de 1957

A Câmara, sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

Formular votos pelo rápido restabelecimento de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, submetido ultimamente a uma intervenção cirúrgica, sancionando a decisão tomada pelo Ex.º Presidente que formulou tais votos em telegrama de ontem;

— Apresentar o seu agradecimento, oportunamente, por representação pessoal dos membros deste Município à Ex.ª Câmara Municipal de Lisboa, pela «Medalha de Ouro daquela cidade» e respectivo diploma nesta data recebido e que foi atribuído a esta cidade de Guimarães em 1953, no ano comemorativo do seu milénario e do centenário da sua elevação a cidade;

— Admitir e aprovar, por unanimidade, as propostas apresentadas pelos Vereadores Srs. Manuel Soares Moreira Guimarães e António de Urgez dos Santos Simões, que são respectivamente do teor seguinte: «Em 1955 encarou esta Câmara Municipal o problema da iluminação conveniente da Rua Capitão Alfredo Guimarães, desta cidade, por meio da colocação de candeeiros, tendo sido apresentado pela firma concessionária o respectivo orçamento. Por se verificar o elevado montante deste orçamento e se reconhecer conveniente o aproveitamento dos candeeiros do Jardim Público do Largo 28 de Maio, admitindo-se uma remodelação da iluminação daquele Jardim, foi deliberado em reunião de 27 de Julho daquele ano que o respectivo estudo por mim fosse feito.

Atendendo, porém, a que a obra da Alameda entre o Largo 28 de Maio e o Largo da República do Brasil implica, necessariamente, uma alteração do processo de iluminação existente naquele Jardim e como o estudo dessa alteração terá de ser feito pelo autor do projecto da obra da Alameda, afigura-se-me desnecessário e até inconveniente fazer-se o estudo que me estava confiado. No entanto e porque se torna necessário iluminar convenientemente a Rua Capitão Alfredo Guimarães que é a continuação duma das artérias principais da cidade (Av. Engenheiro Duarte Pacheco), tenho a honra de propor que sejam destinados e nela colocados os candeeiros de iluminação pública que forem julgados necessários a que a Câmara possua em armazém;

— Em planos de actividade anteriores ao que foi aprovado para 1958, foi incluída, para efeito de ser executada em regime de comparticipação com o Estado, a obra de «Pavimentação a macadame da E. M. n.º 13, entre a E. N. n.º 206 e a E. N. n.º 310, na extensão de 2.872 m.». A estrada a pavimentar serve um dos mais importantes centros fabris do concelho, a povoação de Campelos.

Na verdade, verifica-se a necessidade de reconstruir o pavimento da referida estrada e bem assim proceder à rectificação do traçado.

Para o projecto, respeitante apenas à pavimentação, foi solicitada em 1947 a necessária comparticipação do Estado. Já nessa altura se reconhecia a imperiosa necessidade da pavimentação. Executá-la hoje, nas condições então propostas, seria gastar dinheiro inutilmente uma vez que se verifica não ser o macadame tratamento indicado para vias de grande circulação, como esta, dada a rapidez do desgaste.

Assim, tenho a honra de propor se consulte a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização sobre a viabilidade de, ao abrigo do pedido então feito, se proceder à pavimentação em betuminoso de um 1.º lanço daquela estrada, na extensão aproximada de 1.000 metros. Que, no caso de merecer despacho favorável, se organize o respectivo projecto com a maior brevidade possível;

— Proceder à expropriação judicial dos imóveis necessários à obra comparticipada pelo Estado, de urbanização e arruamentos da zona nascente da cidade e que constam da Portaria publicada no *Diário do Governo*, n.º 124, 2.ª Série, de 27 de Maio do corrente ano, em virtude de não ter sido possível o acordo amigável por recusa dos respectivos proprietários, D. Maria Isabel Campos de Freitas e Macedo, Magalhães & C.ª, Ltd.ª, embora para o efeito tivessem sido feitas persistentes diligências pelo Ex.º Presidente;

— Adjudicar a A. Barbosa & Sobrinho a instalação eléctrica a efectuar no edifício municipal da Vila das Taipas, pela quantia de 3.000\$, em virtude de ter sido a proposta apresentada de mais baixo preço;

— Adjudicar os trabalhos de construção da via de acesso à igreja paroquial de S. Miguel das Caldas, na

Vila de Vizela, ao empreiteiro Raimundo Durães da Silva Magalhães, pela quantia de 161.000\$00, valor da proposta mais baixa, e nas condições que constam do respectivo caderno de encargos, devendo estabelecer-se os necessários acordos para a aquisição ou expropriação dos imóveis necessários para execução da obra e que constam do mesmo mapa de expropriações, diligências estas a efectuar pelo Vereador Senhor Santos Simões;

— Organizar o respectivo processo para efeito de abertura do concurso da obra de «Construção do novo cemitério da freguesia de Serzedo», para o qual foi concedida a comparticipação de 40 contos pelo Estado;

— Mandar proceder ao estudo, por estimativa, da electrificação do edifício escolar de Taboadelo;

— Conceder alvará de licenciamento sanitário para o estabelecimento de taberna que José Maria Machado da Silva pretende abrir na Rua da Rainha, 133, desta cidade;

— Aprovar o projecto e conceder a respectiva licença para a construção dum prédio na Rua Dr. Abílio Torres, da Vila de Vizela, a Manuel Pinto, concedendo ainda licença para demolição do prédio existente naquele local;

— Autorizar pagamentos no montante de 256.507\$50.

Do Concelho

(Continuação da 3.ª página)

lacrado, contendo, por fora, um pseudónimo e dentro o nome e morada do mesmo.

5.º — Em cada original deverá constar:

a) Categoria a que a fotografia pertence;

b) Legenda da mesma concretizando o local onde foi obtida.

6.º — Cada concorrente deverá apresentar três originais diferentes com a dimensão de postal fotográfico (10 x 15).

7.º — Os trabalhos para serem classificados terão de vir acompanhados do respectivo negativo cuja organização se arroga o direito de devolver ou não.

8.º — Devem vir dirigidos a «1.º Concurso Fotográfico», Vila de Avea, ou entregues no Café do Cine-Aves, imprimeiramente até ao dia 30 de Outubro e mediante a entrega de 10\$00 para inscrição.

9.º — Após a classificação por um Júri idóneo far-se-á uma exposição de todos os trabalhos, em lugar público.

10.º — Serão instituídos os seguintes prémios:

Taças para os três primeiros, objectos até ao 10.º e menções honrosas a quem o Júri entender atribuir e possivelmente um prémio especial ao melhor concorrente de cada freguesia.

11.º — Compete ao Júri interpretar os casos omissos cujas decisões serão irrevogáveis.

Gripe asiática

Parece que esta doença entrou também nesta freguesia, espalhando já os seus maléficis efeitos, mais acentuadamente nas crianças.

Se bastantes pessoas têm já essa «indesejável companheira», muito mais são as que a julgam ter, e apenas tremem com o medo dela, correndo para os médicos e farmácias, que quase já não têm mãos a medir.

Correio dos leitores

José M. Ribeiro. — Não, não desistimos e nem desistiremos da missão a que desinteressadamente nos devotamos e nem arredaremos do lema que traçamos, pugnando pelos sagrados interesses da sua terra. De resto, eles ladram mas a caravana passa.

Obrigado pelas suas amáveis palavras de verdadeiro incitamento e fica na conta dos bons lorderenses. Mande sempre, que estamos ao seu inteiro dispor, bem como ao de todos os nossos leitores.

— **Alberto Martins.** — Ora é mesmo assim como pensa. O Vice-Presidente do Clube Desportivo das Aves nunca esteve metido no assunto e nem chegou a fazer parte de qualquer comissão. Apenas foi lembrado por pessoas que vêm nele uma distinta pessoa e nós dissemos que as ofertas lhe poderiam ser dirigidas, a título de mera chamada, pois nunca chegou a receber nenhuma.

Vê como o Sr. viu as coisas pelo prisma verdadeiro? Quem assim não viu, é porque é curto de vista, pequeno de corpo ou mal intencionado. Se a sua carta fosse menos extensa, teríamos o maior prazer em a publicar. Assim, vamos mandá-la encadernar e mostrá-la ao redactor do tal jornal. Obrigado por tudo e mande sempre. — Na próxima responderemos aos que hoje não tiveram vez. — C.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizem anos:

No dia 28, as sr.^{as} D. Maria da Conceição Lobo Machado Melo Sampaio Abreu Coutinho (Paço Vitorino), D. Ana Augusta Mendes Ribeiro, D. Ludovina Virgínia de Barros Araújo, D. Maria Adelaide, Ribeiro Vieira de Andrade D. Jaqueline Monteiro Dias de Castro Martins, esposa do nosso amigo sr. Henrique Ferreira Martins, residente em S. Tomé, e D. Maria de Lourdes Lopes Marinho, esposa do nosso bom amigo sr. José Pereira Marinho, e os nossos prezados amigos srs. António Martins Ribeiro da Silva, conceituado industrial de Cortumes e Panificação, Agostinho da Silva Areias, de Covas, José Manuel da Silva Gonçalves, e Francisco Alberto Pimenta da Cunha Guimarães, do Pevidém; no dia 29, as sr.^{as} D. Custódia Ribeiro de Faria Martins e D. Emília de Oliveira Pereira Félix e a interessante menina Maria Antónia, filha do nosso bom amigo sr. António Urgez Santos Simões, e o nosso amigo sr. José Pereira dos Santos; no dia 30, o nosso amigo sr. Artur Gonçalves, e o menino Domingos António, filho do nosso bom amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira; no dia 31, o nosso amigo sr. José Octávio Fernandes Serrano Fernandes Mayor, de Lisboa, e o sr. Gaspar de Freitas; no dia 1, de Novembro, as sr.^{as} D. Adelaide Rosa de Castro e D. Teresa de Jesus Vieira Machado (Teibão) e mesdemoiselles Maria Elvira Fernandes e Maria Eduarda Pedrosa Machado, filha do nosso prezado amigo sr. Eduardo Rodrigues Machado, de Lordelo, e o menino José Manuel da Silva Lemos, filho do sr. José Gomes e da sr.^a D. Maria Amélia da Silva; no dia 2, mesdemoiselles Maria Manuela da Silva Correia Gomes, filha do nosso bom amigo sr. José Neves Correia Gomes, e Mar-a Guilhermina dos Santos Teixeira, filha do nosso bom amigo sr. Fernando Augusto Teixeira, e os nossos amigos srs. Amadeu Soares e Manuel Pinheiro, funcionário dos C. T. T.; no dia 3, a sr.^a D. Albertina Pereira Mendes Fernandes, esposa do nosso prezado amigo sr. capitão Francisco Martins Fernandes, e o nosso bom amigo sr. José Alves de Sousa.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 17 do corrente, completou duas risonhas primaveras a interessante menina Ana Maria, filha do nosso prezado amigo sr. Ezequiel de Sousa e de sua esposa a sr.^a D. Maria Margarida Teixeira Rua de Sousa. Os nossos parabéns.

Movimento Familiar

Com sua esposa esteve no domingo nesta cidade o nosso prezado amigo sr. João Pedro de Sousa Guise.

Com sua esposa tem estado nas suas propriedades de S. Torcato, o nosso prezado amigo sr. Vasco Burmeister Martins, da Foz do Douro.

Acompanhado de sua esposa regressou a Lisboa, o nosso prezado amigo sr. Comendador Manuel Ramos.

Regressaram de Taboado a esta cidade os nossos prezados amigos srs. Fernando Lobo Neves Pereira e sua mãe e António Ribeiro Martins e sua esposa.

Regressou de Lisboa, onde foi de visita a sua mãe a sr.^a D. Inês da Silva Gonçalves, esposa do nosso prezado amigo sr. dr. José Gonçalves.

Com curta demora partiu do Porto para Lisboa o nosso querido amigo sr. Doutor António Paul.

Com sua esposa regressou a esta cidade, da sua vivenda de Negrelos, o nosso prezado amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

Carta a uma Senhora

Continuação da 2.^a página

rão a vossa salvaguarda e desenterrarão para longe de vós outros as discórdias e as dissensões. E nada mais lhe digo, porque está a chegar a hora do silêncio com que procuro combater o Virus da gripe Asiática.

Outubro de 1957. De V. Ex.^a cd.^o ven.^o e obg.^o

— Regressou das suas propriedades de Basto, a sr.^a D. Antónia Passos Teixeira Bastos.

— Com sua família partiu da Ponte da Barca, para Ferreira do Zézere, o nosso prezado amigo sr. Manuel Luis de Matos Júnior.

Casamentos

Na Igreja Paroquial de S. Romão de Mesão Frio, consorciaram-se na 5.^a feira, a menina Emília de Lourdes Ferreira de Oliveira, gentil filha do sr. João de Oliveira, conceituado comerciante e de sua esposa a sr.^a D. Rosa Mourão de Oliveira, e o sr. Domingos da Costa Rodrigues, filho do sr. Serafim José Pereira Rodrigues, estimado escrivão de Direito, aposentado, e de sua esposa a sr.^a D. Leocádia da Costa Rodrigues, tendo sido padrinhos da noiva seus pais e do noivo sua irmã e cunhado, a sr.^a D. Maria Ester Rodrigues Pereira e o sr. Aníbal Dias Pereira.

Presidiu ao acto e dirigiu uma alocução aos noivos, o rev.^o dr. José de Jesus Ribeiro, tendo sido servido aos convidados, após a cerimónia religiosa e no Hotel da Penha, um primoroso copo d'água. Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

— No Santuário de Nossa Senhora do Sameiro consorciaram-se ontem a menina Maria da Conceição Vaz Saraiva, de S. Lourenço de Selho, gentil filha do sr.^a D. Emília de Freitas e do sr. José Vaz Saraiva, e o sr. João António da Silva Areias, filho do sr.^a D. Maria de Belém Ferreira Areias e do sr. Camilo de Meneses Areias, já falecido.

Testemunharam o acto por parte da noiva seus pais e por parte do noivo sua mãe e o tio, sr. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

No «Notícias»

Em serviço do diário de Goa Herald, de que é representante em Lisboa, esteve nesta cidade e deu-nos o grato prazer de sua visita, o nosso velho camarada e amigo Joaquim Freire Pires, a quem abraçamos.

— Deu-nos há dias o grato prazer de sua visita o nosso querido amigo e ilustre Colaborador Rev.^o Dr. Aurelio Fernando M. Pereira, Capelão da Fundação Narciso Ferreira, de Riba d'Ave.

— Deram-nos igualmente o prazer de sua visita os nossos prezados amigos e distintos Colaboradores srs. Domingos Soares (Mingos) do Porto e Manuel Ribeiro, nosso solicito correspondente em Guardizela.

No estrangeiro

Regressou da Alemanha, a Vizela, o nosso prezado amigo sr. José Joaquim de Sousa Oliveira.

Enfermos

Estiveram doentes mas já se encontram restabelecidos os nossos prezados amigos srs. Arnaldo de Sousa Guise e Dr. Isaias Vieira de Castro, e sua esposa a Sr.^a D. Maria Eduarda Freitas Vieira de Castro.

— Esteve bastante doente mas já se encontra em vias de franco restabelecimento o nosso prezado amigo sr. António Almeida.

— Tem passado bastante doente a esposa do nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. T. Mendes Simões.

— Encontra-se restabelecido o nosso amigo sr. João Mendes Lopes Cardoso.

— Continua a melhorar dos seus padecimentos o nosso bom amigo sr. António de Sousa.

— Continuam doentes, tendo experimentado algumas melhoras, o nosso bom amigo sr. Martinho de Almada Azenha e sua esposa.

— Estiveram doentes mas já estão restabelecidos os nossos prezados amigos srs. Manuel Pereira Mendes e Dr. Gonçalo Leite de Faria.

— Também tem estado doente o nosso prezado amigo sr. eng.^o Pedro Lobato e as sr.^{as} D. Maria Antónia e D. Maria Eduarda D. de Castro Fernandes; D. Maria Madalena Dias de Castro, D. Cidália Fernandes Gaspar e D. Laurinda Gonçalves Dias de Castro.

— Tem passado doente o Rev.^{mo} Arcipreste sr. P.^o António de Araújo Costa.

— Têm passado doentes os nossos solícitos correspondentes em Vizela, Campelos e Guardizela, respectivamente os nossos bons amigos srs. Mário S. Oliveira, Joaquim Rodrigues e Manuel Ribeiro.

— Tem passado doente a esposa do nosso bom amigo sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis.

— Esteve também doente a sr.^a D. Joana Ferreira de Oliveira Pinto Rodrigues.

— Em consequência de um grave acidente de viação, encontram-se doentes a sr.^a D. Grácia Almada Azenha e seu filho o nosso prezado amigo sr. D. Bernardo Almada Azenha.

— Continua doente o nosso prezado amigo sr. António Lage Jordão.

— Têm passado doentes os nossos prezados amigos srs. prof. Má-

rio de Sousa Meneses, ilustre Provedor da Misericórdia, e dr. José Maria de Castro Ferreira, ilustre Presidente da Câmara.

— Continua bastante doente o nosso prezado amigo sr. Augusto Pinto Lisboa, de Pevidém.

— Também têm estado doentes os nossos prezados amigos srs. eng.^o António Rodrigo Araújo Pinheiro, eng.^o Fernando Bonito e Armando da Cunha Nogueira Mendes.

— Esteve doente, mas já se encontra restabelecido, o nosso bom amigo sr. Armando Martins Ribeiro da Silva.

— Em consequência de um acidente de viação, que sofreu há dias, tem passado incomodado o nosso prezado amigo sr. José Rodrigues Guimarães, do Pevidém.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Operação

Na Casa de Saúde de Espinho, foi há dias operado o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. dr. Joaquim Correia da Costa, que vai experimentando sensíveis melhoras. Desejamos o seu breve restabelecimento.

Vida Católica

Primeira Comunhão

No pretérito domingo às 11 horas, e no templo da Misericórdia, fez a sua primeira comunhão o menino António Augusto Matos do Couto Vieira, filho da distinta Parreira sr.^a D. Eulália Couto e do sr. António Vaz Vieira, tendo assistido à cerimónia diversas pessoas de família do neo-comunhante, as quais no fim se reuniram em casa de seus pais num almoço em que se trocaram brindes.

Procissão de Finados

No próximo dia 1 de Novembro, se o tempo o permitir e se for suficiente o número de irmãos, realizar-se-á a tradicional Procissão de Finados, que é promovida pela Irmandade da Misericórdia e sairá da sua Igreja, às 15 horas, em direcção ao Cemitério Municipal, onde serão entoados responsos fúnebres.

Nossa Senhora do Rosário

Como conclusão do mês do Rosário, será celebrada na Basílica de S. Pedro no dia 30, pelas 8 horas, missa cantada a vozes e arminium, pelo grupo coral da Basílica, e comunhão geral.

Comemoração dos Fiéis Defuntos

Nos templos desta cidade e em sufrágio dos fiéis Defuntos, serão rezadas no próximo sábado, dia 2, Missas e ternos de Missas, com o seguinte horário:

Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, às 6 e às 8; Basílica de S. Pedro, às 5,30, 10 e 12; Igreja da Misericórdia (Paroquial de S. Paio), às 7,30; Igreja de S. Sebastião (Domínicas), às 6 e 8; Igreja do Hospital (Capuchos), às 6 e 8; Igreja do Carmo, às 7 e 11; Santos Passos, às 8; Igreja de S. Damasco, às 10; Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, às 6, 7,30 e 9,30; capelas de S. Francisco, às 7 e 11, e S. Domingos, às 7,30 e 9 h. Como de costume as esmolas recolhidas neste dia, destinam-se à obra dos Seminários.

Reunião de um Curso do nosso Liceu

Os componentes do Curso do Liceu de Guimarães, dos anos de 1910-1915, voltaram a reunir-se, como o vêm fazendo periodicamente, no pretérito domingo, nesta cidade num almoço de confraternização que reuniu cerca de 30 antigos discípulos, os quais viveram novamente algumas horas de alegre convívio e na mais perfeita fraternidade.

Ao almoço, que teve lugar no Restaurante Jordão, assistiram os professores ainda felizmente vivos, os srs. José Luis de Pina, que presidiu e Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira, representando este também o aluno Joaquim Novais Teixeira que, por estar ausente em Paris, não pôde comparecer à reunião, tendo delegado a sua representação no velho e respeitável professor.

Assistiu ainda o rev. P.^o José Carlos Simões de Almeida que no mesmo dia, e com a assistência de todos os componentes do curso, celebrou no templo de N. S. da Oliveira uma missa por alma dos discípulos falecidos.

Na altura dos brindes usaram da palavra, para se referirem àquela simpática festa, os srs. José de Pina, Tenente-Coronel Francisco Martins Ferreira, P.^o José Carlos Simões de Almeida, Dr. Germano Vieira, Major Eduardo Paiva Macedo e António Gonçalves Cerejeira.

Por último ficou resolvido que no próximo ano a reunião do curso se realize no dia 25 de Agosto.

Vimaranenses residentes em Luanda

Celebraram o «Dia da Igreja Vimaranense»

Conforme noticiámos, um numeroso grupo de Vimaranenses residentes em Luanda, levaram a efeito uma festa em que exteriorizaram os seus sentimentos patrióticos e baírristas, tendo também confraternizado num banquete que reuniu uns 50 nossos conterrâneos.

O dia 12 do corrente foi considerado, para aqueles estimados vimaranenses, o «Dia da Igreja Vimaranense».

De manhã foi prestada homenagem aos Militares Vimaranenses mortos em Angola, tendo sido celebrada uma Missa de sufrágio, finda a qual foram apresentados cumprimentos ao Governador do Distrito de Luanda.

A Missa foi celebrada pelo Vigário Geral da Arquidiocese, Monsenhor Manuel das Neves, na Sé de Luanda, e registou grande concorrência.

Naquele mesmo dia, às 15.30 horas, foi feita a deposição de um ramo de flores no Monumento erigido ao fundador da Nacionalidade pelos naturais de Angola. Naquela altura guardou-se um minuto de silêncio em cristão reconhecimento, pelos Militares Vimaranenses mortos em Angola, em defesa da Pátria.

A noite, no Hotel Avenida, que é dirigido também por um vimaranense, o sr. Fonseca e Castro, realizou-se um banquete de confraternização dos membros da Colónia Vimaranense, a que também assistiram representantes da imprensa e da rádio, tendo presidido o sr. eng.^o Barros Queirós.

O banquete decorreu, como aliás era de esperar, e pelo que nos relata a imprensa angolana, num ambiente de franca confraternização. Aos brindes falaram os srs. Tomás Rocha dos Santos, eng.^o Abel Cardoso e Padre Henriques Alves, director de O Apostolado, que se referiram ao significado daquela reunião e exaltaram as virtudes da «grei vimaranenses».

As mais lindas Rosas de Portugal

As mais famosas árvores de frutos

Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques. Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis. Moreira de Silva & F.^{os}, L.^a Rua D. Manuel II, 56 — PORTO

COMARCA DE GUIMARAES

Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.^a publicação

Faz-se público que pelo Juízo de Direito da comarca de Guimarães e 2.^a secção da respectiva Secretaria, nos autos de execução de sentença que Albano Novais, casado, comerciante, residente na Vila de Fafe, move contra Jacinto da Silva Guimarães e esposa Amélia de Oliveira, residentes nesta cidade, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos deduzirem os seus direitos na mesma execução.

Guimarães, 14 de Outubro de 1957.

O Chefe da 2.^a Secção,

Maurício da Ponte Machado.

Verifiquei.

O Juiz de Direito

Carlos Maria Afonso de Castro.

A Sapataria Vimaranense

tem a honra de convidar V. Ex.^a a visitar a Exposição de Calçado que hoje realiza, com os mais recentes modelos para Homem, Senhora e Criança. **EXCLUSIVOS.**

Grande sortido em calçado de agasalho.

Sapataria Vimaranense
78, Rua da Rainha, 82 — Telef. 40145
Guimarães.

JOSÉ PINHEIRO GUIMARAES

AGRADECIMENTO

A Família do saudoso extinto, receando estar em falta para algumas das pessoas ou colectividades que tomaram parte no desgosto que a feriu, desta forma, testemunhar-lhes o seu indelével reconhecimento. Agradece, também, às que a honraram com a sua presença na missa celebrada no 7.^o dia do passamento.

Guimarães, 25 de Outubro de 1957

A FAMÍLIA.

ELEIÇÕES

A Direcção do Distrito Escolar de Braga, esclarece os senhores agentes de ensino deste distrito de que a realização de actos eleitorais nos edifícios escolares, não carece de autorização superior, devendo as salas de aula serem franqueadas sempre que sejam solicitadas para aquele fim pelas autoridades competentes.

Ordem de S. Domingos

Tomamos conhecimento que a Mesa da Venerável Ordem Terceira de S. Domingos, resolveu mandar proceder à reparação das fechadas principal e direita do edifício hospitalar, achando-se já patentes na Secretaria as condições da obra, que ali podem ser consultadas pelos interessados.

Teatro Jordão

APRESENTA

NOITE, N.º 15 e N.º 21,30 HORAS

Errol Flynn e Cornell Borchers em

ISTAMBUL
Cinema Scop e Technicolor
(Espectáculo para maiores de 17 anos)

TARDE-PRIMA, 29 -- N.º 21,30 HORAS

RAPTADO
Eastmancolor
com David Farrar e Julia Arnall
Um novo género de mistério e tensão dramática.
(Espectáculo para maiores de 12 anos)

QUINTA-PRIMA, 31 -- N.º 21,30 HORAS

Ingrid Bergman e George Peck em

A CASA ENCANTADA
(Espectáculo para maiores de 17 anos)

SABADO, 2 -- N.º 21,30 HORAS

Randolph Scott e Joan Leslie em

DUELO NA MONTANHA
Technicolor
Um filme de acção que prende e arrebatá.
(Espectáculo para maiores de 17 anos) 495

NOTÍCIA SENSACIONAL!

O inverno vai ser rigoroso; mas não se preocupe, estimado cliente: a Casa LARANJEIRO defendê-lo-á com o seu colossal sortido de malhas interiores e exteriores, gabardines chamarras, etc., etc. 497

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanentemente a Farmácia Henrique Gomes, à R. da Rainha, Telef. 4148.

Florista

Executa todos os trabalhos em flores naturais e artificiais — Rua dr. Ave-lino Germano, 95 — Guimarães. 476

Casa

Aluga-se na estrada da Costa, lugar do Rio, com garagem e quintal. Ver a qualquer hora. Na redacção se informa. 499

Cautela com a Asiática

A melhor forma de combater a Asiática, é usando agasalhos da Camisaria Martins ou da Casa Jaime, que têm um colossal sortido em casacos, blusas, polouverses, camisolas, ceroulas, luvus, meias, peúgas, tudo em lã, para homem, senhora e criança. Calçado de agasalho, gabardines, impermeáveis, guarda-chuvas e galochas de borracha. Compre os seus agasalhos na Camisaria Martins ou na Casa Jaime (ao Toural). 492

DECLARAÇÃO

O abaixo assinado, João Fernandes Machado, vem esclarecer publicamente acerca da declaração que fez publicar neste jornal com data de 17 de Outubro, que teve apenas em vista evitar que sua mulher, Maria de Jesus da Cunha, filha de José António e de Emília da Cunha, todos residentes na freguesia de S. Miguel de Creixomil, concedesse qualquer crédito a pessoas estranhas à sua família.

Guimarães, 22 de Outubro de 1957. 491

João Fernandes Machado.

DESPORTO

PREITO DE SAUDADE

À memória do Dr. JOSÉ PINTO RODRIGUES

membro do Conselho Jurisdiccional da F. P. F.

Ocorrida em Março passado a morte do Dr. José Acácio Pinto Rodrigues, logo a direcção do «Boletim» resolveu lançar nestas colunas o seu muito sentido voto de pesar e homenagem à memória de quem fora muito ilustre e dedicado vogal do Conselho Jurisdiccional da Federação.

Fomos nós, porém, quem pediu a palavra para, com prejuízo embora de oportunidade e justiça, poderemos expressar também os sentimentos próprios, aliás iguais aos de quantos nesta casa tiveram o gosto de privar com o saudoso Dr. Pinto Rodrigues — que foram todos.

Não era impunemente que, por força de doloroso acaso, vínhamos ocupar o lugar de um conterrâneo e de um amigo.

Meditando nisso e na distância que vai do valor que se apagou para a indignação que começa, será relevado o tardio e desajeitado desabafo, pois penoso é também não poder ocupar cabalmente o lugar que fez tão grande.

Para a dor dobrada só um refrigério vemos: regular nossos passos por seu justo modelo — caminhada sem fim como a saudade que deixou.

O Dr. José Pinto Rodrigues foi um homem bom, culto e justo.

Excedia em valor o requerido para servir o Desporto, mas este ideal apaixonou-o à medida que, interessado pelas manifestações de vida da sua terra — e por todas — se deixou contagiar pelo amor dos vimezanenses à Vitória, ao glorioso Vitória de Guimarães, que serviu durante treze anos. Advogado ilustre e curioso por todas as manifestações de cultura, susceptível de poder, assim, aristocratizar-se, até porque a vida remansosa da província a tal convidava, vinha, pelo contrário, todas as soalheiras ou chuvosas tardes de domingo, fazer depender também sua alegria ou tristeza dos caprichos saltitantes de uma bola.

Amava tanto o povo que fazia seus os simples amores deste. Durante dezanove anos fez parte dos corpos gerentes da Associação de Futebol de Braga, tendo então oportunidade de, senhor já de uma visão estruturada e idónea dos problemas do futebol nacional, contribuir para a sua unitária organização, enferma de centralização e partidarismo.

E há-de abrir-se naturalmente ainda em melhores frutos o contributo do Dr. Pinto Rodrigues para a organização do nosso futebol, que este ideal, parecendo pequenino, outros grandes corações e esclaridas inteligências traz conquistados.

Em 1955 ascendeu ao Conselho Jurisdiccional da Federação, cujo livro de actas é precioso «in memoriam» à sua cultura.

Porque fomos testemunha das homenagens que a sua família, sua terra e seu clube lhe prestaram, ao sentido luto de Guimarães nos associamos.

Guarde Deus a alma do Dr. Pinto Rodrigues, que seremos fiéis ao seu exemplo, pois entronizado entre nós fica o seu belo espírito.

AUGUSTO REGO.

N. da R. — Este artigo foi publicado no *Boletim da Federação Portuguesa de Futebol*, número referente a Julho e Agosto do corrente ano, o qual nos foi enviado pelo nosso prezado amigo e distinto advogado em Braga, Sr. Dr. Augusto Rego, também seu autor e que substituiu, por indicação da A. F. de Braga, o saudoso vimezanense, Dr. José Pinto Rodrigues, no Conselho Jurisdiccional da F. P. F.

A Maratona do Futebol Nacional

Sanjoanense, 1 — Vitória, 1

Empates e mais empates a tornarem aliciente a competição

A Maratona decorre e cada vez é maior a expectativa daqueles que a seguem. Se um torneio definisse logo de início os seus vencedores, deixaria de ter interesse e seria, portanto, um fracasso económico. Um campeonato como este tem que ter *surpresas* para lhe adoçar o interesse — o deste ano anda a encher-se delas... Eis os resultados da sua 7.ª jornada:

Sanjoanense, 1-Vitória, 1; Vila Real, 3-Leixões, 2; Gil Vicente, 0-Vianense, 0; Marinhense, 1-Tirsense, 1; Covilhã, 6-Peniche, 0; Boavista, 0-Leões, 0; Espinho, 3-Chaves, 0.

Jornada de empates, cada qual o mais surpreendente. Desta maneira se poderia resumir mais esta etapa da Maratona. As *surpresas* voltaram a aparecer em diversos campos e não sabemos, entre elas, qual mais admirar. Talvez a do Bessa, pois ninguém diria que o Boavista seria surpreendido por uma equipa que está cotada como das de mais baixo nível. Pelo menos os adeptos do Vitória, quando este triunfou dos Leões por 4-0, manifestaram o seu *tédio* por tão escasso (?) resultado. Mas o empate do Gil, em sua própria casa, ou o do Tirsense, na Marinha Grande, também são resultados de surpreender, principalmente para aqueles que têm como regra o triunfo do grupo da casa.

Quanto aos triunfos da Covilhã, em excesso de golos, ou às vitórias do Vila Real ou do Espinho, consideramo-las normais, dado até que na Serra da Estrela o volume dos números veio em parte por a equipa do Peniche se apresentar demasiadamente desfalcada de elementos considerados como certos no seu conjunto.

E o resultado do Vitória em S. João da Madeira...

Os vimezanenses actuaram mal em S. João da Madeira. Nunca conseguiram impor o seu jogo ao adversário, fazendo redundar a partida numa exibição pobre, de pontapé para o ar, de baixo nível, enfim...

Analisemos porém algumas cau-

sas provocadoras deste mau jogo. Primeiramente temos de considerar que alguns jogadores do Vitória jogaram em precárias condições de saúde. Por exemplo, Ernesto saiu da cama para fazer este jogo, regressando a ela depois do mesmo realizado, portanto sem qualquer capacidade que, apesar de tudo, o leva a ser o melhor marcador entre os dianteiros do Vitória. Barros e Romeu também jogaram pobres de condição física. E isto é de influência decisiva no rendimento duma equipa, principalmente quando ela luta contra um adversário que não regateia energias.

Mas, para nós, o facto de maior influência no mau jogo dos vimezanenses foi a arbitragem do encontro. Tinha-lo dito aqui, no nosso último comentário — se o árbitro não soubesse discernir entre o carácter das faltas dos contendores, o Vitória teria dificuldades em alcançar um bom resultado em S. João da Madeira. E tal aconteceu realmente. O árbitro deixou que o nosso adversário suprimisse a sua inferioridade técnica com *valentia* a mais. E, para cúmulo, foi ainda *casero*, marcando, em média, por cada dez livres assinalados, oito contra o Vitória. Temos sempre receio dos arbitros de fama... Este senhor Francisco Guerra, que na época passada foi assinalado como o melhor do ano, esteve péssimo nesta sua arbitragem do encontro Sanjoanense-Vitória. O nosso raciocínio é lógico — que interessava a este juiz uma arbitragem imparcial, sem o sabor local, se aqueles que a apreciavam através da imprensa, eram somente correspondentes locais e, portanto, capazes de a sentirem ao sabor da cor da sua equipa? E é ler, em todos os jornais, a referência de *arbitragem excelente ou aceitável*...

Dos jogadores vimezanenses merecem referência as actuações de Barros e Silveira, ao nível do seu valor real.

Ficha do jogo — Vitória: Sebastião, Costa e Abel; Virgílio, Silveira e Barros; Bartolo, Romeu, Ernesto, Civico e João da Costa. Sanjoanense: Tavares, Zuca e

Gaspar; Gomes, Alves e Matos; Cirilo, Rodrigues, Augusto, Rosato e Vitor. Arbitragem de Francisco Guerra, do Porto.

Os golos foram ambos obtidos no segundo tempo, por Civico, para o Vitória e por Augusto, para a Sanjoanense, este de grande penalidade.

* * *

A jornada de hoje engloba os encontros seguintes: Vitória-Gil Vicente; Leixões-Espinho; Vianense-Vila Real; Tirsense-Sanjoanense; Peniche-Marinhense; Leões-Covilhã; e Chaves-Boavista.

O jogo contra o Gil, a jogar na Amorosa, é um encontro de interesse, mesmo tendo em conta a irregularidade da equipa visitante no Campeonato decorrente. O Gil foi através dos tempos sempre uma equipa criadora de dificuldades para os vimezanenses e, por isso, assinalamos o encontro desta tarde como jogo de muito interesse. Porém o Vitória deve vencê-lo, sendo para isso necessário somente espírito de luta por parte dos jogadores vimezanenses e apoio por intermédio dos adeptos, o qual este ano, verdade se diga, tem existido quase sempre.

L. R.

Conversando

com Ele...

Sabemos que **Fernando Vaz** analisou promenorizadamente, na última reunião do Vitória, a situação e rendimento actual da equipa principal do Clube. Do que ele disse, nessa circunstância, nada podemos aqui publicar, mas a sua conversa de hoje conosco, talvez faça transpirar qualquer coisa do seu esclarecido pensamento...

—?

A nossa equipa esteve longe de si própria no jogo de S. João da Madeira. Vários factores continuam a exercer influência visível no seu rendimento, a que temos a acrescentar ainda o espírito de resistência e a forma entusiástica como os nossos adversários se bateram durante toda a partida. Ainda desta vez vários jogadores do Vitória não puderam apresentar-se nas melhores condições, nomeadamente Armando Barros, que não treinou toda a semana; Ernesto, que se levantou da cama convalescente duma gripe para ir jogar, e ainda Romeu, que por via duma lesão, não pôde preparar-se de molde a exhibir-se a dentro das suas possibilidades. Rola também esteve ausente, retido no leito, com gripe. Isto tudo são factores, chamados imponderáveis, mas que pesam, como é óbvio, no rendimento das equipas. Sem dúvida que a nossa equipa produziu exibição modesta, mas, independente do que ficou dito, as características e os processos de jogo da Sanjoanense não eram propiciadoras de jogo de bom nível. De facto é difícil exhibir-se futebol de bom recorte técnico em encontros frente a adversários cuja única intenção é não deixar jogar e neutralizar os esquemas que os adversários tentam construir. Dir-se-á porém, que compete à equipa do Vitória contrariar os processos e o estilo do jogo da Sanjoanense, o que em teoria está certo, mas no rectângulo do jogo nem sempre assim sucede.

A preocupação dominante de ambas as equipas consistiu sempre no objectivo de obterem os pontos necessários, com o sequente prejuízo da boa feitura do jogo. Por essa razão, apenas a espaços, pudemos fornecer uma ideia das nossas possibilidades.

—?

O momento da equipa do Vitória, se não abstrairmos as modificações a que a linha tem sido sujeita por incapacidade de alguns elementos, não é aquilo que se pretende, mas é ilógico que uma equipa, que ganhou em Peniche e em Chaves, afirmando capacidade, quebre tão de repente, sem que nesse menor rendimento não se considerem os factores imprevisíveis, que deram origem a essa menor demonstração de valor. Justamente por que a lei das lesões e as doenças têm impossibilitado alguns jogadores de darem o seu rendimento habitual, a preparação física da equipa teve que revestir-se de cuidados especiais, de molde a evitar males piores. Na verdade não

é de excluir a ideia de que equipas, cujos elementos se encontram em precário estado de saúde, sejam submetidas e forçadas a treinos intensos e inadequados, numa fase em que todas as precauções se impõem. Evidentemente que se trata de problemas internos, que apenas dizem respeito aos comandos dirigentes e treinador, mas que, ao fim e ao cabo, convém revelar para uma melhor compreensão, apreciação e crítica. Assim, a serenidade não deixa de abandonar os adeptos do Clube, pois cremos ser, nos momentos difíceis, que mais firme se deva manifestar a nossa unidade clubista. Por outro lado a experiência ensinou-nos que, em prova tão longa e recheada de dificuldades de natureza variada, não é de desejar, praticamente na fase inicial do Campeonato, que uma equipa se apresente num apurado estado de forma que, normalmente, é conseguido à custa do desgaste de energias físicas que são as reservas de que os jogadores carecem para durarem as trinta e seis jornadas da prova. O futuro nos elucidará se tínhamos ou não razão em conduzir a equipa do Vitória dentro deste plano. E não recorremos a exemplos, para corroborar o nosso ponto de vista, apesar de nos ser fácil apontá-los...

—?

Como apontamento digno de nota do jogo de S. João da Madeira, apenas nos cumpre louvar o sacrifício dos jogadores Ernesto e Armando Barros, pelas condições em que prestaram o seu concurso à equipa, pois qualquer deles não estava em condições de saúde para alinhar. Sobre a estreia de Sebastião, queremos também referir a circunstância de, apesar de afastado há meses da actividade, não ter comprometido a equipa. A este propósito confiamos que Sebastião, logo que ganhe a forma, nos ofereça as exhibições que o seu passado justifica.

Afinal não se realizou a reunião do Conselho Geral do Vitória, marcada para quarta-feira passada

Anunciámos aqui, a realização duma importante reunião do Conselho Geral do Vitória, para a passada quarta-feira, tendo o cuidado de denunciar a importância dos assuntos que na mesma deveriam ser tratados. Ao contrário daquilo que prevíamos, a esta reunião somente compareceram, além dos membros da Direcção para ela designados, quatro elementos do Conselho, os srs. Fernando Setas, José Abílio Gouveia, António Cardoso Rodrigues e António Pádua Ribeiro. Como, na generalidade, todos tem conhecimento de quem são os quarenta componentes deste Orgão Consultivo do Clube, se deve avaliar o que pode resultar do alheamento manifestado, altamente prejudicial para o futuro do Clube. Para já, fica esta nossa anotação sobre o ocorrido...

Bilhetes de boa vontade

Para o encontro de hoje, uma vez mais a Comissão de Auxílio do Vitória distribuirá os seus «Bilhetes de Boa Vontade», com a certeza de que a massa associativa do Clube lhe dará o acolhimento habitual, contribuindo assim, com a sua ajuda, para o seu engrandecimento. Como habitualmente estes bilhetes darão direito a brindes.

* * *

Em consequência de reuniões realizadas pela Comissão de Auxílio do Vitória, que agregou a si alguns novos elementos, de quem se espera eficiente ajuda, vão realizar-se diversas iniciativas, com o fim de valorizar a colectividade, estando para já em estudo o problema do aumento da massa associativa do Clube, base fundamental para uma existência conveniente, sem as preocupações que a todos os momentos a afligem.

CAMPEONATO DE JUNIORES

Inicia-se hoje o campeonato regional de Juniores, organizado pela Associação de Futebol de Braga. É um torneio, como se sabe, de mais alta importância, pois dele deve resultar a necessária renovação de valores que o futebol regional na verdade necessita. Ao torneio deste ano, além da equipa do Vitória, concorem o D. F. Holanda, Sporting C. Braga, Futebol C. de Fafe, Sporting C. de Fafe, Vianense, Futebol de Vizela e Futebol C. Famalicão.

Nesta primeira jornada o Vitó-

Brevemente!!

Um novo estabelecimento de que Guimarães necessita!

496

Recauchutagem e Vulcanização ARAUTO

ALMEIDA & CARVALHO, L.^{DA}

L. DO CIDADE, 8

Telefone, 4260 (p. f.)

GUIMARÃES

Apetrechada com os maquinismos mais modernos e com pessoal especializado, de forma a garantir a qualidade e perfeição dos trabalhos executados

A CASA QUE GUIMARÃES NECESSITAVA

Rechapagem, Recauchutagem e Vulcanização de pneus de carros ligeiros e pesados.

Garantia ♦ Perfeição ♦ Modicidade em Preços

495

EXPLICAÇÕES

Dá Senhora com o 2.º Ano de Medicina

a meninas e rapazes, de:

- 1.º e 2.º anos dos cursos liceal e comercial;
- 4.ª classe e admissão aos liceus;

a meninas, de:

- 2.º Ciclo — Letras e Ciências;
- 3.º Ciclo — Ciências Naturais, Ciências Físico-Químicas e Matemática.

492

AVENIDA CÔNEGO GASPAR ESTAÇÃO, CASA R — 1.º. ESQ.º GUIMARÃES

Assina o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES



Agora que o Gazcidla baixou de preço, resolva-se V. Ex.ª a adquirir para a sua casa um esquentador Bulex, de procedência Belga, o qual pode ser colocado em qualquer sítio, como: Consultórios médicos e dentários, cabeleiros, cozinhas, casas de banho, etc., etc.

Com estes extraordinários aparelhos, damos-lhe água quente em 30 SEGUNDOS.

Vendemos com facilidades de pagamento.

Faça V. Ex.ª uma troca de impressões com os Agentes Exclusivos no Concelho:

Reinaldo & Guise, L.^{da}

Rua D. João I, 15-B Telefone 4402 p. f. GUIMARÃES

277

ALUGA-SE: Agradável notícia

Optimo primeiro andar com uma sala na frente e um quarto anexo, com serventia de lavabos, próprio para escritório ou consultório médico, em frente à Alameda Dr. Oliveira Salazar.

Falar com Joaquim da Silva — Rua de S. Dámaso, 135.

487

ria joga, em Fafe, com o Sporting local e o D. F. Holanda, nas Taipas, com o F. C. Vizela. Estes jogos estão marcados para as 10 horas da manhã.

Sabemos que a Asiática, em todo o concelho de Guimarães e arredores, está sendo eficazmente combatida, com os agasalhos que vende a Camisaria Martins e a Casa Jaime, o que nos apraz registrar. Aconselhamos assim os nossos estimados leitores a irem já comprar os seus agasalhos à Camisaria Martins ou à Casa Jaime (ao Toural).

45

Assinal o Notícias de Guimarães